

SOBRE OS DIAS QUE EU NÃO GOSTARIA DE TER QUE CONTAR

**VIVÊNCIAS, VIOLAÇÕES E PERCEPÇÕES DE MULHERES ACERCA DO
SISTEMA CARCERÁRIO FEMININO**

FLÁVIA GÂNDARA SIMÃO

*É fácil esquecer que mulheres são mulheres sob a desculpa de que
todos os criminosos devem ser tratados de maneira idêntica.
Mas a igualdade é desigual quando se esquecem as diferenças.
(Nana Queiroz, Presos Que Menstruam)*

SUMÁRIO

Prefácio	p. 7
Capítulo 1	p. 11
Índice 1	p. 21
Capítulo 2	p. 25
Índice 2	p. 30
Capítulo 3	p. 34
Índice 3	p. 50
Capítulo 4	p. 53
Índice 4	p. 58
Capítulo 5	p. 61
Índice 5	p. 75

PREFÁCIO

Dois mil setecentos e oitenta e dois dias é o período que, somado, traça a linha temporal dos relatos compilados nesse monte de folhas brancas, lotadas de palavras, à espera de mudanças. E eu não gostaria de ter que contar, e nem elas, mas, atualmente, o Brasil é o país com a quinta maior população carcerária feminina do mundo, contabilizando trinta e sete mil, trezentas e oitenta mulheres, as quais estão sob a tutela do Estado.

A maior parte delas se vê em muitas das situações que aqui foram contadas, dormindo e acordando em unidades prisionais superlotadas, que não apresentam infraestrutura mínima, tanto material, quanto psicológica, para lidarem com pessoas e recortes de gênero, os quais proporcionam o sentimento de humanidade às mulheres que estão em situação de prisão.

Mulheres de carne, mulheres de osso, mulheres que trazem em suas caminhadas, cicatrizes de um Estado que desconsidera suas vivências e desrespeita suas necessidades básicas.

Mães, filhas, cunhadas, que se não têm uma rede de apoio de pessoas fora dos muros, mas que também integram a estrutura do sistema e lhes dão suporte suficiente para que passem pelo período de cárcere, evitando viverem situações constantemente desumanas, são abandonadas duas vezes e esquecidas à margem da sociedade. Isso para as que sabem quanto tempo de suas vidas ainda passarão nas prisões, porque 30% das encarceradas estão sem julgamento, condenação ou perspectiva.

Sobre os dias que eu não gostaria de ter que contar abriga sentimentos confinados por dois mil setecentos e oitenta e dois dias e os números se somam à necessidade de denunciar um sistema falido, que oprime mulheres e ignora, praticamente, todas as suas necessidades. E não que elas gostariam, também, de ter que me contar, mas o sentimento de revolta foi maior do que a quantidade

de lágrimas que encontrei pelo caminho... Experiências angustiantes, abuso de poder por parte dos funcionários das penitenciárias e direitos e mais direitos violados, mas uma rede de apoio forte, unida pelas mãos de mulheres que se desdobraram e se desdobram para fazerem de vivências torturantes e machistas, ambientes toleráveis à vida.

Este livro nasce de um desejo por visibilidade e Justiça frente à realidade vivida por mulheres dentro do sistema carcerário feminino, apontando, também, a violação de direitos por parte do Estado, que permanece ileso de holofotes por haver grande falta de informações oficiais e sistematizadas sobre o tema, as quais demonstrariam, através de dados, a precária estrutura vivida pelas mulheres vítimas do sistema carcerário feminino brasileiro.

Os direitos violados pelo Estado no tratamento dessa mulheres estão garantidos, entre outras, pela Lei de Execução Penal, pela Lei Estadual da Revista Vexatória e indicados através da resolução de regras, elaborada pela ONU (Regras de Bangkok), sobre os direitos das mulheres presas, e estão disponibilizados em respectivos índices, separados por capítulos, após o final de cada história.

Sobre os dias que eu não gostaria de ter que contar também traz percepções artísticas de mulheres fora desse sistema e que demonstram, de maneira alinhada com as vivências aqui expostas, uma grande necessidade de mudança. Fala sobre pessoas e sentimentos, conta dias e relatos. Não os mais chocantes ou representativas – se é que tal classificação seria mesmo possível -, mas sim, os que registram as vivências e percepções das mulheres sobre esse tema ainda tão complexo e que necessita de visibilidade, para ser possível denunciar as violências do Estado, que deveria garantir respeito à dignidade humana.

Dentro das próximas páginas couberam palavras e histórias que se libertaram das gargantas de mulheres, numa tentativa de desentupir, ao menos, um pouco das veias do sistema carcerário feminino. E eu não gostaria de ter que contá-las, e nem elas. Mas tivemos.



1

Domingo, horário de almoço de uma tarde com Sol escaldante em Ribeirão Preto e Amanda estava parada no ponto de ônibus que se localiza atrás da penitenciária feminina da cidade. Desconfio, logo eu que não acredito em coincidências, que ela estava esperando por mim, mesmo sem saber que eu chegaria momentos depois:

- Você é estudante de quê?

- Eu faço Jornalismo - disse, receosa, porque acredito que não seja qualquer pessoa que esteja disposta a falar com jornalistas logo depois de sair de uma visita em uma penitenciária, ainda mais enquanto espera o ônibus em um Sol de 30 graus.

- Nossa, não acredito que você é jornalista!! Minha amiga tinha falado assim pra mim esses dias “Amanda, por que você não fala com algum jornalista pra denunciar o que tua cunhada tá passando aqui em Ribeirão?”.

- Então que ótimo esse encontro! Eu tô quase me formando, espero, né?! Mas não quero te atrapalhar... Se o seu ônibus chegar, aí eu pego seu contato e a gente continua a conversa numa outra hora.

- Não, não tem problema. Esses dias, eles tavam cortando a água das presas, elas ficam o dia inteiro sem água.

- E por que cortaram, você sabe?

- Na minha cabeça, eu acho que é ruindade da parte deles, porque não tem motivo da pessoa cortar água. Eles sabem que as presas precisam lavar a roupa, limpar a cela todo dia e não tem água.

E a desconfiança sobre o caráter dos agentes da Penitenciária Feminina de Ribeirão Preto faz sentido. Amanda, que vai todo fim de semana visitar a cunhada Carol, desabafou que a situação está muito difícil, porque a hora em que os funcionários ligam a água é estratégica: depois que as detentas já estão amontoadas em suas celas, no vigésimo sono, ou mais.

E água para beber também não tem. A precaução tem que ser linha de frente na rotina das meninas. Elas precisam guardar a água em garrafas de dois litros... Se acaba, o azar também não é dos agentes:

- Ainda que aqui (em Ribeirão) a água sai morna e cheia de cloro. Ela (Carol) falou pra mim na semana passada “olha, só ligaram a água porque as visitas chegaram”. O dia que eu fui lá, o banheiro tava entupido e não tinha água pra jogar. Aí uma moça falou que as visitas precisavam de água e, não sei de onde, mas eles ligaram o registro.

- E é complicado, né, porque elas precisam de água pra muitas coisas.

- É verdade! Mas a cadeia dos homens, onde meu irmão tá, em Pontal, é muito melhor.

- É mesmo? Melhor que a feminina?

E era! Por entre o barulho dos carros que passavam e as estacionadas dos ônibus no ponto em que estávamos, Amanda falou sobre os bolos com recheio que podiam entrar e lembrou do pudim que um dia levou de presente para o seu irmão.

Mas eu estava apreensiva para que minha nova entrevistada não perdesse o ônibus. Não queria deixar o dia da Amanda pior do que já poderia estar, por ter acabado de sair de um lugar que me parece brincar com a humanidade das pessoas que abriga:

- Esse ônibus é o seu? Porque não quero te atrapalhar. Posso pegar seu contato e a gente conversa em uma hora melhor pra você.

- Não, o meu é outro, mas se meu ônibus chegar eu deixo ele passar porque agora quero ficar aqui conversando com você.

Confesso que depois daquela afirmação me vi em um misto de ansiedade e tristeza por já prever que não sairia dali sem denúncias e histórias tristes para somar às páginas desse livro.

Me surpreendi. E não foi pra melhor:

- O que eu fiquei indignada mesmo foi com a história que a minha cunhada perdeu o bebê que ela tava esperando – Amanda falou em alto e bom tom, como quem esperava que o mundo ouvisse e lhe trouxesse, pelo menos, a Justiça em troca de uma perda dolorosa. 

Carol foi presa grávida de três meses e Amanda tinha certeza, porque fez questão de garantir: “Antes dela ir presa, eu fui com ela fazer ultrassom e o bebê já tava formadinho”.

E a negligência por parte da assistente social da penitenciária, que prometeu transferir a mãe para uma “prisão de mulher, onde só tem mulher grávida”, se fez maior do que o esperado. 

Numa briga entre presas, Carol foi tentar apartar e levou um chute na barriga:

- Uma das mulheres que estavam brigando chutou a barriga dela. Aí ela teve cólica e sangramento. Foi chamar a carcereira e falou “olha, eu queria uma atenção: eu tô grávida e tá saindo um monte de sangue, eu tô perdendo o meu filho”.

Aquela frase atingiu os ouvidos da agente como se fosse um nada... a frase, a mãe, a criança que estava na barriga da mãe, tudo, que se tornou nada. Carol perdeu a criança e a revolta apertava, cada vez mais, as sacolas vazias que Amanda tinha levado para almoçar com a cunhada. E num ímpeto de lembrança, ela ainda esbravejou, com razão:

- Quando a gente veio falar com a assistente social pra ver se achava vaga pra Carol numa outra cadeia, onde só fica mulheres grávidas, sabe o que a moça falou? Que o médico examinou a minha cunhada e disse que ela não tava grávida. Aí eu vim no outro domingo aqui, perguntei se ela tinha sido

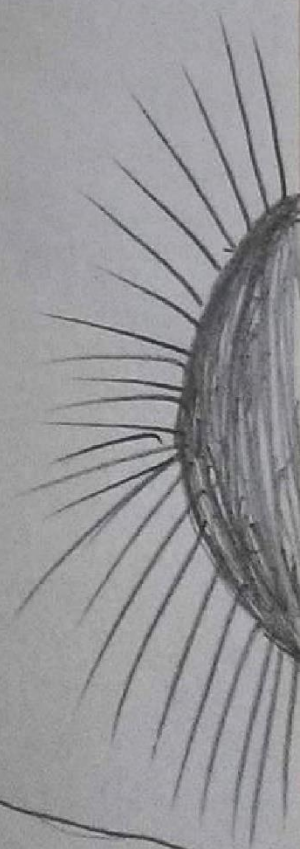
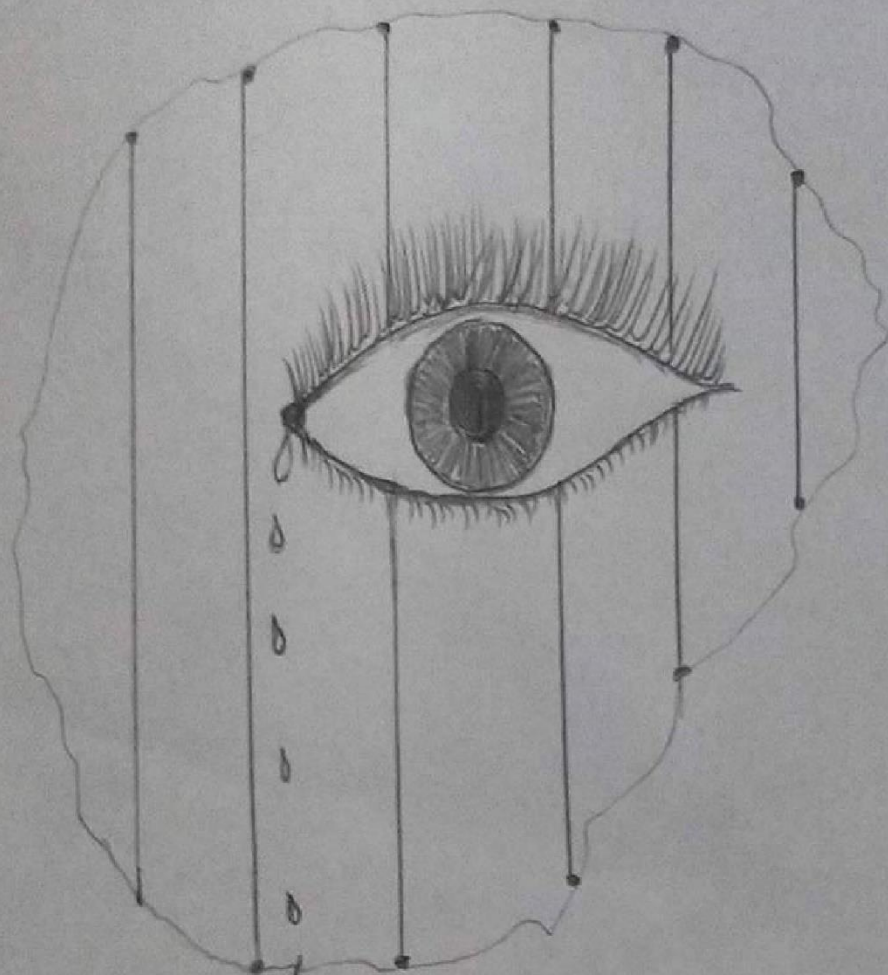


ILUSTRAÇÃO: MIRZA GÂNDARA

examinada e ela falou que o médico nem tinha olhado na cara dela, e nem a assistente social. 

E Amanda não podia xingar, Amanda não podia falar nada porque a prejudicada com toda essa exaltação seria a própria Carol, “porque se xinga, aumenta a pena, dá castigo”. Então uma amiga sugeriu a denúncia como a melhor forma de lidar com a negligência mortífera da Penitenciária Feminina de Ribeirão Preto, mas Amanda também não sabia como fazê-la.

Eu e minha mãe – que também é assistente social, mas do Fórum de Ribeirão Preto, e que me acompanhou naquele domingo – aconselhamos Amanda a procurar a Defensoria Pública e pedir informações sobre como proceder com a denúncia. Ela se prontificou em fazer, afinal, não pode deixar às cegas a dor de uma mãe que teve seu filho escorrendo por entre suas pernas e ainda foi acusada de estar mentindo, sem receber tratamento algum pós-aborto.

O Estado pouco faz para possibilitar que nasçam com saúde os filhos das mulheres presas. E, quando estas mulheres são negras e pobres esse mesmo Estado, parece não fazer nem questão de que crianças nasçam. 

- Eu fico triste pelo jeito que ela é tratada, me sinto mal e fico indignada com o tratamento que eles dão aí (na Penitenciária Feminina).

[Tra-tar: 1. Fazer uso de; usar, praticar. 2. Manusear, manejar. 3. Manter relações (com). 4. Discorrer sobre. 5. Curar, aliviar ou prevenir (doença). 6. Ajustar, combinar. 7. Alimentar, nutrir – Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa (4ª edição)].

Não acredito que tratar seja o verbo que Amanda melhor quis usar para falar dos, sim, maus tratos que Carol sofre rotineiramente em Ribeirão Preto. E além de todas as situações difíceis a que Carol foi submetida, ela também é obrigada a dormir e a acordar, todos os dias, em uma cela superlotada:

- Esses dias ela tava me contando que enfiaram trinta na cela dela - denunciou Amanda.

- E quantas camas têm em cada cela?

-Ela falou que o certo de cada cela são vinte pessoas, que é a lotação máxima. Mas a dela tem trinta, na outra têm vinte e cinco, na outra têm vinte e oito. É tudo assim, vão enfiando. E ela dorme com uma amiga no beliche de cima, porque tem quatro beliches e são de cimento duro, com um colchão. 

Roupa de cama é artigo luxuoso de quem tem família cuidando do lado de fora. A penitenciária sequer disponibiliza meios para as presas se esquentarem no frio:

- E você tem que mandar coberta, lençol, porque senão elas ficam sem, nesse frio ainda... E ela disse que quem dorme no chão é que se ferra, porque o chão é gelado e tem uns ratões. 

- Tem rato dentro da cela dela? – meu almoço quase me extravasou junto com as palavras.

- Tem rato, tem aranha. Ela foi picada por uma aranha no pescoço... ficou inchado, roxo, aí ela chamou a carcereira, a mulher disse que não era nada, disse que era frescura. 

Mas dessa vez Carol não deixou barato: fez barulho, chamou o Diretor e conseguiu a atenção que precisava e merecia. O resultado foi uma injeção de Benzetacil. Só assim o que a agente considerava “frescura”, melhorou.

E essas mesmas agentes são quem revistam suas celas, fazem “uma tal de *blitz*¹”. As reclusas, que já são despidas pelo Estado, todos os dias, de respeito pelos seus corpos e por suas vidas, são obrigadas a livrarem-se até das próprias roupas:

- Uma vez por mês os carcereiros (homens) entram nas celas com os cachorros, aqueles Pastores Alemães, e fala pras mulheres “todo mundo no pátio”. Aí elas vão pro pátio, formam uma fila, de calcinha e sutiã, aí agacha,

¹ *Blitz* significa batida policial repentina. É uma palavra inglesa, que faz referência à *blitzkrieg*, de origem alemã.

levanta, e as agentes revistam. E se você olhar pra cara delas já leva um amarelinho. 

A explicação do “amarelinho” veio logo em seguida, rápida como a facilidade de levar um desses dentro daquela grande construção hostil e cinza: o termo faz referência a uma punição, assemelha-se a um cartão amarelo de partidas de futebol que, se a detenta leva cinco deles, ela vai para o castigo em uma cela solitária.

O lance parecia normal para a realidade da penitenciária. Seguimos o jogo.

A situação de se despir me remeteu à violação de direitos que sempre acontece em revistas vexatórias. E a minha experiência teórica sobre o sistema carcerário se concretizou em pele, osso, unha e cabelo, sentada frente a mim:

- É! A gente tira toda a roupa, deixa o sutiã, top, calcinha, tudo na mão delas. Aí você agacha três vezes e levanta, vem de costas, abre a boca, solta o cabelo. Ela passa a mão no seu cabelo, você abre a boca, mostra a língua; o chinelo, você dobra. E aí tem regras também... não é qualquer roupa, não é qualquer blusa, não é qualquer sutiã. Também tem umas portas de metal e um banquinho lá. Você senta no banquinho três vezes e levanta. É humilhação demais pra ver minha cunhada! 

Carol foi presa há onze meses, enquanto estava furtando um carro com o marido. Sem parentes no Estado de São Paulo, veio do Nordeste quando conheceu Caio. Ganhou uma nova família e uma filha, que hoje tem três aninhos e fica em casa chamando pela mãe, esperando o dia em que os pais irão voltar.

Enquanto o casal não estava preso, moravam a família toda de Caio em um grande terreno, cada um em sua devida casa, construída dia a dia, num largo esforço. E eles precisavam se alimentar, precisavam alimentar uma criança e dinheiro não chegava fácil, nunca chegou. Mas foram pegos: cadeia para os dois! E a filha permaneceu sem mãe, sem pai e sem o futuro irmão. 

É que no jogo de ganha e perde dessa sociedade doente em que estamos inseridos, culpa-se os indivíduos sem considerar a política de um país

higienista², que mata e apreende jovens negros e os isola, ainda mais, da sociedade. Os seres são humanos, e toda vida deveria ganhar, mas, geralmente, os que estão na base da pirâmide social continuam perdendo, dividindo o pouco que tem e dependendo das precárias estruturas dos sistemas públicos:

- Eu pego um ônibus aqui e outro lá na rodoviária – disse Amanda.

- E é quanto tempo, mais ou menos, desse caminho todo?

- Duas horas, ainda mais que de domingo demora mais. Eu venho cedo, cedinho. Porque também, a visita só entra até o meio dia. E eu sempre quando venho, trago comida da nossa casa, bem feitinha, tudo certinho.

E a única vez que a cunhada pediu para experimentar o arroz com feijão da cadeia, Carol a aconselhou que talvez fosse bom ela deixar essa experiência de lado, mas Amanda insistiu e confirmou as expectativas da presa:

- O feijão é aquele preto, mais barato, de fazer feijoada, bem ruim. O arroz grudado e o macarrão tava azedo. Comi só um pouquinho pra experimentar e nem comi mais. Aí eu falei “não, essa comida não tem condições”. O pão é pão duro que eles dão de manhã cedo; um pão duro e o leite você tem que levar, a gente compra e traz.

11

- Você leva o leite para a semana toda?

- Eu levo aqueles leite em pó, no saquinho. Aí eu sempre trago, todo domingo, leite pra ela, bolacha, o pão Pullman... Só entra o pão Pullman, frios... [...] Bolacha não pode ser aquelas de recheio, tem que ser de maisena, e suco entrava pra elas tomar lá, agora não entra mais porque eu deposito o dinheiro, elas vão e compram.

Carol consegue comprar algumas coisas todo mês com os cem reais que ganha, desde quando arranhou um emprego dentro da penitenciária. Ela faz fumo, “enrola os cigarros pra distribuir”:

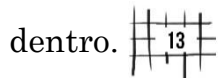
- Aí vem uma firma e paga isso, mas é pouquinho, é mais para diminuir a pena e o salário é cem reais por mês. Trabalha o mês todo pra ganhar cem reais.

12

² Segundo a CPI do Senado sobre Assassinato de Jovens, a cada vinte e três minutos, um jovem negro é morto no Brasil.

- E sabonete, pasta, essas coisas de higiene pessoal, vocês levam?

- Nós temos que levar. Se ela trabalhar e juntar o dinheiro, ela mesma compra, mas se ela não juntar, a gente tem que levar. [...] E tudo o que você for levar, você tem que pôr naqueles saquinhos transparentes, tem que abrir e pôr dentro.



Mas a revolta ao lembrar da triagem de todo domingo veio, mesmo, quando Amanda contou sobre a comida:

- Na comida que a gente leva, sabe o que eles fazem? Pegam o garfo sujo que já mexeu na outra comida e enfia lá na comida da gente. Porque assim, não entra frango com osso, aí, às vezes, você leva uma carne, o frango você tem que tirar tudo os ossos e pôr pra cozinhar, depois pôr no “*tuppaware*”. Aí ela pega, abre o “*tuppaware*”, mexe em tudo, pega a carne...

E a palavra “humilhação” se repetiu por mais algumas vezes durante os relatos sobre o descaso da cadeia com a comida que Amanda levava, todo domingo, e que transformava a vida da cunhada em momento bom, pelo menos, um dia por semana:

- É só pra comer naquele dia e pronto. Durante a semana ela só come comida ruim, azeda, o frango duro, mal cozido por dentro e meio cru. Ai, um nojo, muito ruim! O sistema carcerário é horrível, eu defino isso.

Meia hora de conversa se passou e Amanda, apesar de sentir uma indignação muito grande, falaria mais, porque entendia que precisava contar, mas seu ônibus apontou na esquina oposta da rua em que estávamos e a vontade que extravasou no peito de denunciar aquela situação, agora tinha se transferido para a minha responsabilidade em relatar todos aqueles minutos de conversa que ficaram armazenados no meu gravador.

Ela teria que voltar na quarta-feira e no domingo, e na quarta-feira e no domingo de novo... Aquela era uma circunstância corriqueira, a qual tinha que enfrentar, afinal, sem sua visita Carol não teria condições de viver onde está. E Amanda, ainda sem entrar na condução, me fez o único pedido:

- Se você quiser publicar, pode publicar, só não publica meu nome. Quem sabe alguém vê, algum governo, qualquer gente aí...

E quando a porta do ônibus para a rodoviária se fechou, as minhas se abriram: essa é a minha vontade, Amanda.



CADÊ MEU DIREITO QUE ESTAVA AQUI?

Os artigos elencados nesse índice foram retirados da Lei de Execução Penal, nº7210, de 11 de julho de 1984, e as regras são da Resolução nº 2010/16, de 22 de julho de 2010, estabelecida pelas Nações Unidas sobre o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras.

Capítulo 1

Página 13

1) Art.41, VII – Constituem-se direitos do preso: assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

2) Regra 33 – Todo funcionário/a designado para trabalhar com mulheres presas deverá receber treinamento sobre as necessidades específicas das mulheres e os direitos humanos das presas.

Regra 42, 2 – O regime prisional deverá ser flexível o suficiente para atender às necessidades de mulheres gestantes, lactantes e mulheres com filhos/as. Nas prisões serão oferecidos serviços e instalações para o cuidado das crianças a fim de possibilitar às presas a participação em atividades prisionais.

Página 15

3) Regra 33 - Todo funcionário/a designado para trabalhar com mulheres presas deverá receber treinamento sobre as necessidades específicas das mulheres e os direitos humanos das presas.

Regra 42, 2 - O regime prisional deverá ser flexível o suficiente para atender às necessidades de mulheres gestantes, lactantes e mulheres com filhos/as. Nas prisões serão oferecidos serviços e instalações para o cuidado das crianças a fim de possibilitar às presas a participação em atividades prisionais.

Regra 48 - Mulheres gestantes ou lactantes deverão receber orientação sobre dieta e saúde dentro de um programa a ser elaborado e supervisionado por um profissional da saúde qualificado. Deverão ser oferecidos gratuitamente alimentação adequada e pontual, um ambiente saudável e oportunidades regulares de exercícios físicos para gestantes, lactantes, bebês e crianças.

4) Art. 14, § 3º - Será assegurado acompanhamento médico à mulher, principalmente no pré-natal e no pós-parto, extensivo ao recém-nascido.

Regra 6, c - O exame médico de mulheres presas deverá incluir avaliação ampla para determinar a necessidade de cuidados de saúde básicos e deverá também determinar: o histórico de saúde reprodutiva da mulher presa, incluindo gravidez atual ou recente, partos e qualquer questão relacionada à saúde reprodutiva.

Página 16

5) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 85 - O estabelecimento penal deverá ter lotação compatível com a sua estrutura e finalidade.

Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

6) Art. 11, I - A assistência será: material.

Art. 41, VII - Constituem-se direitos do preso: assistência matéria, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

7) Art. 12 – A assistência material ao preso e ao internado consistirá no fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas.

Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

Página 17

8) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 83, § 3º - Os estabelecimentos de que trata o § 2º deste artigo (Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamenta-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade) deverão possuir, exclusivamente, agentes do sexo feminino na segurança de suas dependências internas.

Regra 19 - Medidas efetivas deverão ser tomadas para assegurar a dignidade e o respeito às mulheres presas durante as revistas pessoais, as quais deverão ser conduzidas apenas por funcionárias que tenham sido devidamente treinadas em métodos adequados e em conformidade com procedimentos estabelecidos.

9) Lei 15.552 – art. 1 (estadual - SP): Ficam os estabelecimentos prisionais proibidos de realizar revista íntima nos visitantes.

10) Regra 64 – Penas não privativas de liberdade para as mulheres gestantes e mulheres com filhos/as dependentes serão preferidas sempre que for possível e apropriado, sendo a pena de prisão considerada apenas quando o crime for grave ou violento ou a mulher representar ameaça contínua, sempre velando pelo melhor interesse do/a filho ou filhos/as e assegurando as diligências adequadas para seu cuidado.

Página 18

11) Art. 41, I – Constituem-se direitos do preso: alimentação suficiente e vestuário.

12) Art. 29 – O trabalho do preso será remunerado, mediante prévia tabela, não podendo ser inferior a $\frac{3}{4}$ (três quartos) do salário mínimo.

Página 19

13) Regra 5 – A acomodação de mulheres presas deverá conter instalações e materiais exigidos para satisfazer as necessidades de higiene específicas das mulheres, incluindo absorventes higiênicos gratuitos e um suprimento regular de água disponível para cuidados pessoais das mulheres e crianças, em particular mulheres que realizam tarefas na cozinha e mulheres gestantes, lactantes ou durante o período da menstruação.



ILUSTRAÇÃO: KATHERINE PERCHES

2

Madrugada de sexta-feira e o galo ainda não cantava quando meu pai entrou no quarto avisando que era hora de acordar. Mal sabia ele que, dois minutos antes, meus olhos abriram feito águia a levantar voo. Eu sabia a hora exata: 4h36min (vinte e quatro minutos adiantados ao despertador, que se pôs a tocar às cinco da manhã cravado).

Meu sono, de apenas duas horas e meia, relutou por entre as duas cobertas que me esquentavam naquela noite fria de começo de julho, mas ele sabia que na vida corrida que eu estava levando, aquela não era hora de fazer birra, nem de pedir mais cinco minutinhos.

Água no rosto, leite na barriga e o abraço seguro do pai me davam esperanças de ter deixado repousar, em seu colo, todo o cansaço recluso que eu sentia naquele momento que se cerrou quando o portão da garagem abriu.

Do meu lado estava Janeth, minha madrastra, que por bom grado e coração se dispôs a partir comigo nessa viagem em busca de histórias a serem contadas, de vivências a serem denunciadas. E sabíamos que não seriam poucas. Se tivessem sido.

Cento e setenta e um quilômetros à frente e minha ingenuidade de poucos anos de Carteira de Habilitação me fez pensar que ainda na escuridão de antes da alvorada, a pista ia ter a presença única do meu carro. Grande engano! Os caminhões me fechavam hora sim, hora também. E eu agradecia, a cada

brecada, por estar viva e por ter conseguido abrir cada vez mais o olho e redobrar a atenção.

Duas horas de estrada e, às 7h53min, estacionei em frente à Cadeia Pública Feminina de Franca, conhecida como Guanabara - apelido dado por pessoas que não têm a real noção do que se passa entre os quatro paredes daquela construção hostil não apenas nos tijolos e ferros.

As informações na Internet são poucas: a Cadeia Pública de Franca foi transformada em Cadeia Pública Feminina em 2010, quando os detentos foram transferidos para o CDP – Centro de Detenção Provisória - da cidade. Uma das maiores do Estado, abriga mulheres e recebe homens aos finais de semana, acusados de estupro e de prisão civil (na maior parte das vezes, por não pagamento de pensão).

“Abriga mulheres e recebe homens aos finais de semana, acusados de estupro”.

Mulheres e homens acusados de estupro.

A ideia de que mulheres talvez dividissem espaços com homens acusados de estupro ressoou na minha mente como uma enxaqueca que até embrulha o estômago de tanta dor e incômodo. Como é possível um lugar responsável por “abrigar” mulheres, ser local em que também dormem homens acusados de estupro? Eu teria que ver com meus próprios olhos! E encontrei uma maneira: o horário de visita é de sexta-feira, das oito da manhã às duas e meia da tarde.

Olhamos, procuramos a grande fila de mulheres à espera de verem suas parentes e amigas que estavam em situação de prisão. Não achamos.

Em busca de informações que explicassem toda aquela falta de movimento em dia de visita, partimos para a construção vizinha de muro da Cadeia de Guanabara: era a Associação dos Deficientes Físicos de Franca – ADEFI. Perguntamos se ao lado era mesmo o lugar que procurávamos, pois ele parecia abandonado. A resposta foi positiva para a primeira pergunta, mas a segunda ficou por um fio de ser deixada às moscas:

- E você sabe se está tendo visita? Nós fomos ali na frente e não tinha nenhuma fila.

- Não sei de nada, moça.

Ao passarmos mais uma vez em frente ao local, decidimos parar e tentar um contato. O meio de comunicação é feito por um interfone, ao lado de uma placa enferrujada, que traz os dizeres:

Sec. De Segurança Pública

Del. Seccional de Polícia

cadeia Pública

E não, não foi um erro de digitação: a falta do “C”, de Cadeia Pública, era apenas o início do descaso que entenderíamos em breve. No entanto, de imediato, minha espinha gelou ao não ver nada referenciado a um ambiente em que se abrigam mulheres.

Tocamos o interfone:

- Oi, bom dia! Eu sou estudante de Jornalismo e vi que hoje é dia de visita aqui na cadeia. Queria saber se as visitas já entraram, porque não tem fila nenhuma aqui fora.

- Não tem mais dia de visita aqui não – disse o homem simpático, que não fez esforço nenhum para aguardar o início, se quer, de algum sopro de resposta vindo da minha garganta. Desligou.

Como assim não tinha mais dia de visita? Não me contentei com a resposta. Decidi “incomodar” mais uma vez aquele funcionário responsável por se comunicar com as pessoas.

- Moço, desculpa tocar aqui mais uma vez, mas hoje não é dia de visita? Não é dia de visita das mulheres que estão presas aí?

Ouvi um bufo partindo da linha, não acredito que tenha sido problema técnico.

- Não tem dia de visita aqui não, eu já falei.

Meus pais, meus irmãos, minha família em geral e amigos me dizem, sempre, que eu sou teimosa, então fiz jus à fama e atravessei a rua, fomos tentar colher mais informações sobre a situação da Cadeia Pública Feminina de

Franca. O lugar ao qual nos dirigimos também é vizinho, mas dessa vez, a frente da Cadeia faceia a lateral esquerda da UBS – Unidade Básica de Saúde – do Jardim Guanabara.

A mulher da secretaria era de sorriso e simpatia tímidos, não sabia nos dar informações. Sorte a nossa que atrás dela estava outra moça, alguns anos mais nova, que bambeou na certeza, mas resolveu dizer que achava que sessenta presas tinham sido transferidas de lá fazia uns dois meses:

- Transferidas? Nossa, eu não achei essa informação em lugar nenhum.

- É, parece que o governador mandou elas todas embora daqui de Guanabara.

- E você sabe o porquê?

- Não sei não, moça, você me desculpa.

Voltamos à ADEFI para tentarmos informações da boca de outra pessoa que não a primeira que falou conosco. Nada. Repetimos a primeira fonte: nada mais uma vez. Nessa hora, a mistura de cansaço e raiva de um Estado que não se preocupa nem em disponibilizar informações oficiais sobre suas unidades prisionais latejava na minha cabeça. Estávamos voltando para o carro quando vimos o portão da garagem da Cadeia aberto e dois homens para fora. Corremos lá:

- Oi, bom dia. Meu nome é Flávia, eu sou estudante de Jornalismo. É algum de vocês que atende o interfone? Eu toquei aqui faz uns minutos.

- Não somos nós não, senhora – confesso que o alívio se pôs à minha face.

- Não tem mais dia de visita aí? Foi isso que a pessoa que atendeu o interfone me informou.

- Tem sim, mas só pensão. E é de quarta-feira, de quinze em quinze dias.

- Como assim só pensão? Aqui não é uma cadeia feminina?

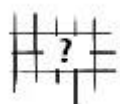
- Tem quatro presas, mas elas tão aqui enquanto não recebem pena. Agora só homem que não paga pensão, homem que bate em mulher, essas coisas. Aí de quarta, forma uma fila de mulher aqui pra visitar eles. De cadeia, cadeia mesmo, só o CDP que é masculino.

- Nossa, as informações tavam todas erradas na Internet. Muito obrigada!

Voltamos para o carro e fomos até o CDP, atrás de qualquer informação a mais que pudéssemos encontrar. Mais alguns quilômetros rodados e tudo o que conseguimos foram preconceitos escrachados, emitidos da boca de um funcionário que cuida de quem entra e de quem sai do Centro de Detenção. Preconceitos que, na verdade, não valem a pena dez minutos de transcrição.

Seguimos viagem. Mais cento e setenta e um quilômetros de um bate e volta de estrada cansativo para confirmarmos, num espaço de tempo de, no máximo, cinco quilômetros, que o Sistema Carcerário Brasileiro é uma máquina falida de uma nação que constrói muros, afasta a sociedade, marginaliza os seus sujeitos e disponibiliza mínimas informações (e, quando não são disponibilizadas e tem que ser descobertas, muitas vezes estão erradas).

Em menos de cinco quilômetros pudemos ter a certeza de que o Sistema Carcerário Brasileiro aprisiona e abandona seres humanos. É protagonista de uma política de reeducação e reinserção social que trancafia pessoas dentro de quatro muros e muito ferro, e não se preocupa nem em trocar os que enferrujam.



CADÊ MEU DIREITO QUE ESTAVA AQUI?

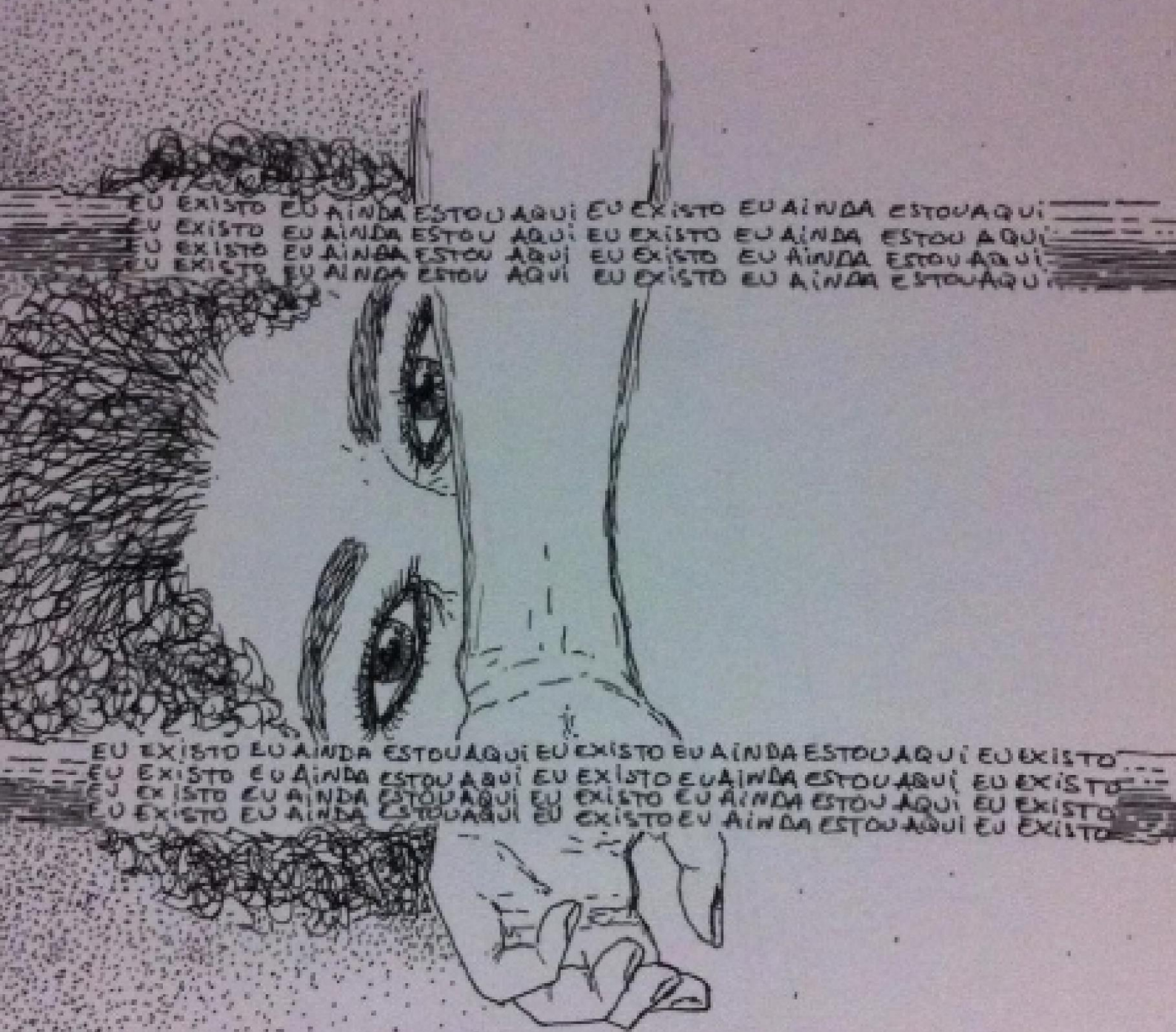
O artigo elencado nesse índice foi retirado da Lei de Execução Penal, nº7210, de 11 de julho de 1984.

Capítulo 2

Página 28

14) Art. 83, § 3º - Os estabelecimentos de que trata o § 2º deste artigo (Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamenta-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade) deverão possuir, exclusivamente, agentes do sexo feminino na segurança de suas dependências internas.

Marcelle Fernandes



3

- Teve um dia que deu uma chuva muito forte e caiu o telhado da capela – foi com essas palavras que Daiane, praticamente, me recebeu em sua casa, assim como as lágrimas que lhe acompanharam e umedeceram suas bochechas rosadas, que se coravam num misto de angústia e euforia. Aqueles não foram dias fáceis, mas Daiane fazia questão de contar, porque “tem muita coisa que as pessoas não sabem sobre esse sistema falido que o governo diz que é pra reeducação”.

Entendi que aquela tarde, de um possível domingo ocioso, já tinha começado a se tornar um dia marcante. Meu almoço deu as caras para o estômago: eu teria que me preparar para a entrevista. E Daiane prosseguiu com o episódio que lhe tirou uma noite de sono:

- Em Sant’Ana tem a capela, que é um salão mesmo, com cadeira, mas tem as igrejas que vão visitar a gente lá, que é no sábado de manhã e eles ficam tudo lá no pátio. Aí nesse dia caiu o telhado e a laje começou a encher de água. De repente, a luz apagou, deu blecaute no pavilhão inteiro.

As moradoras da Penitenciária Feminina de Sant’Ana - formada pelos três pavilhões que não foram demolidos da antiga construção do Carandiru, em 2002 - começaram a gritar de desespero por causa da súbita falta de energia. Mal sabiam elas que aquela noite passariam no escuro e com medo de morrerem eletrocutadas:

- De repente, começou a sair água pra tudo quanto era lado; nas tomadas, tudo. Foi a hora que eu subi em cima da mesa, essas de plástico, que nem pode ter, mas a gente dá um jeito.



O pavilhão todo se pôs aos berros, tentando chamar a atenção das agentes penitenciárias. As mulheres jogavam objetos nas portas, porque eram “aquelas portas de chaponas” de ferro, e gritavam. Resultado: a polícia não subiu nem para abrir as trancas e a água poder vazar mais rápido para fora da construção. As detentas passaram a noite em claro, sem poderem relar os pés no chão. Na verdade, que chão? Com todo o ambiente escuro, ninguém sabia até onde estava o volume da água e, ainda bem, ninguém tinha coragem de colocar a mão em um líquido que acabara de sair pelas tomadas:

- Foi um pesadelo! Foi um pesadelo! E se a nossa mesa quebrasse? Pelo menos esse dia não morreu ninguém, não que eu saiba – disse aliviada, com uma entonação na voz que, duvido muito, deixaria a mente esquecer de todo aquele sofrimento.

Mas Daiane não ficou os seus quase seis anos restringida de liberdade, apenas, em Sant’Ana. Durante um ano e dois meses dormiu, todos os dias, numa delegacia que abrigava seis celas, em Avaí, cidade próxima de Bauru (onde nos encontramos para a entrevista). Lá estive em prisão provisória.

A garota permaneceu mais de um ano presa, sem ter recebido tal sentença. E essa é uma situação mais comum do que se pode imaginar, de acordo com os dados do Infopen Mulheres - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - publicado em 2015. Três em cada dez mulheres estão presas sem condenação. E esse é o maior fator que evidencia a superlotação nos presídios femininos brasileiros.

Quando Daiane deixou de fazer parte desta estatística, *pegou bonde*³ para São Paulo em uma quinta-feira, dia de visita e, como de praxe, sua mãe bateu o ponto em Avaí. Nada de diferente até então, se não fosse pelo presente que a visita tinha levado para a filha: um pote cheio de coxinhas, que faria a garota

³ *Pegar bonde* é se locomover em um veículo policial grande, feito de ferro. O nome popular desse veículo é *bonde*.

esquecer, pelo menos até o final daquele desfrute, do ambiente inóspito em que estava vivendo.

Eram cinco da manhã de quarta para quinta-feira quando avisaram Daiane sobre sua partida. Na hora, lembrou que era dia de visita, mas não tinha o que fazer. Sua mãe chegou bem cedinho com o presente, mas logo já ficou sabendo sobre a nova situação de sua filha, então pediu para que o pote fosse entregue a ela na viagem.

Não foi, mas guardaram.

Sete horas da manhã a garota tomou café e nunca mais sentiu, sequer, o cheiro de algo que pudesse matar sua fome até às sete da noite, quando *atracou*⁴ na inclusão da Penitenciária Feminina de Sant’Ana, “estriquinando de fome”, depois de ter viajado doze horas algemada nos pés e nas mãos.



O trajeto se fez mais duradouro do que o necessário, porque o *bonde* parou em várias cidades pelo caminho para despejar outras presas que também não tinham comido e estavam sendo torturadas, pois também foram algemadas da mesma forma e por horas, sendo que não tinham meios de apresentarem ameaça iminente para os policiais dentro do automóvel.

E por uma caridade que, na verdade, deve ser chamada de “nada além do dever dos funcionários do Estado”, Daiane recebeu seu pote de coxinhas quando chegou no lugar em que passaria alguns próximos anos. Pelo menos, naquele dia pôde matar seu desejo, além de conseguir umas novas amizades por causa da deliciosa surpresa.

Mas essa não foi a única lembrança ruim que me revirou o estômago quando minha entrevistada contou sobre suas vivências em Avaí. Inclusive, a próxima revirou o estômago de nós duas, literalmente.

Logo que Daiane foi presa, em 2009, seu corpo começou a somatizar os sintomas do estresse que estava vivendo: a gastrite atacou e não tinha quem abaixasse as armas e fizesse seu organismo aceitar trégua. Foi então que, de tanto sua mãe reivindicar pelos direitos que pertenciam à garota, arranjam-

⁴ Chegar ao local de destino.

lhe uma endoscopia. E direitos, na verdade, até certo ponto, porque quando uma pessoa é alvo de tortura, existe algum placebo que a tire daquelas condições ou, cada vez mais, a dor é engolida a seco? A de Daiane foi a seco e sem anestesia:

- Eu fui algemada. Eles me deram anestesia e nem tinha feito efeito ainda, a médica fez endoscopia em mim. Enfiou aquele cano na minha garganta e eu comecei a sentir, porque a anestesia não tinha pegado ainda. E o meu corpo começou a engasgar e querer vomitar. Aí ela falou pra mim que era bom eu ficar quieta porque, se a câmera caísse dentro do meu estômago, eles ainda iam ter que me abrir.

17

A câmera não caiu. Quem quase caiu foi Daiane, na volta do exame, porque a anestesia começou a fazer efeito e, se suas companheiras de bonde não a tivessem segurado, o estrago seria pior. No dia seguinte acordou com a garganta toda machucada e a comida, que já quase não descia normalmente, deu um trabalho maior para percorrer o caminho até o estômago.

Eu senti, a metros, a raiva que exalava do seu âmago, dessa vez já curado, porque o Estado “trata as pessoas como se você fosse um lixo”.

E os cigarros queimavam, um a um.

Avançando alguns anos nesse enredo nem tão linear, chegamos em 2013. As palavras que se libertavam da boca da minha entrevistada naquele domingo ainda denunciavam negligência médica. Daiane pôde reunir o benefício que conseguiu por trabalhar durante anos em Sant’Ana e, através de uma progressão de regime, foi para a Penitenciária Feminina do Butantã, lugar que abriga presas cumprindo sentença em modo semiaberto:

- Depois que eu entrei pra *bóia*⁵, lá em Sant’Ana, aí eu *tirei a cadeia*⁶ de boa, fui sempre *boieira*⁷. A polícia me abria cinco e meia da manhã e eu ficava até às sete da noite porque eu tinha que *pagar*⁸ o café, depois o almoço e, às vezes, tinha que ficar a mais pra pagar os remédios de quem tomava essas coisas. Então eu ficava andando. Vivia lá do meu jeito, mas vivia né... Melhor

⁵ Trabalho na cozinha das penitenciárias.

⁶ *Tirar cadeia* é o modo como a detenta vive durante os anos em que está presa.

⁷ Pessoa que trabalha na cozinha das penitenciárias.

⁸ Ato de cumprir com as obrigações do serviço prestado.

do que ficar presa. Aí depois eu fui pro Butantã e consegui um trabalho na rua, mas é difícil porque é muito disputado, tinha até fila. Mas eu consegui um emprego lá na SAECO.

[Aqui, peço licença para, em três parágrafos, dar uma pausa na negligência médica e fazer um adendo sobre a forma como é posta o trabalho nas cadeias: era recebendo um pequeno salário por mês que Daiane conseguia viver lá dentro. Comprava o que precisava pela folha da *paga*, uma vez por mês, que é quando as presas ganham uma lista para assinalarem o que querem comprar, e o presídio disponibiliza um dia para elas pagarem pelos itens e os levarem consigo (que não é muita coisa, mas já ajuda no dia a dia); além de, também, mandar um dinheiro para os seus pais e ajudar eles, pelo menos um pouco, nas despesas das viagens para visitá-la, uma vez por mês, em São Paulo.

O dinheiro não era muito, entre duzentos e trezentos reais, e “as empresas que pagam trezentos reais são muito disputadas, têm até fila de espera”, afinal, essa é uma forma barata de manter o lucro de uma grande produção: despreza-se encargos trabalhistas, pagamento de férias e décimo terceiro; e os acidentes de trabalho são responsabilidades de quem os sofreu.

Mas é inegável: proporcionar emprego para quem está em situação de prisão é um ponto importante na vida dos reclusos. Daiane trabalhou na enfermaria, agendando consultas para o Dr. Dráuzio Varella, e também ficou um tempo no setor administrativo, mas foi quando entrou para a *bóia* que permaneceu até acabar seu período em Sant’Ana].

Numa viagem rápida pelo Google, tentei encontrar algum dado relevante que acrescentasse à rápida descrição da minha entrevistada sobre a nova empresa que a contratara, além do argumento de que a SAECO “é uma fábrica que faz máquina de café. Tanto é que, quando você vê nesses postos de gasolina, sempre que tem máquina, é essa. Ela é muito forte”. Mas não encontrei

nenhuma informação relevante a ponto de despendar algumas palavras a mais para a empresa.

O que encontrei, na verdade, foi o sentimento de angústia de Daiane por entre as linhas transcritas da sua entrevista: a firma não era apenas muito forte no mercado de máquinas de café, ela também foi muito forte para o estômago da garota, mais uma vez. Não que eles atentassem contra seus funcionários, mas a recém-contratada estava tão acostumada com a comida-não-comida da cadeia que, quando se deparou em almoçar num restaurante, todos os dias, dentro da empresa, sua vesícula não suportou aquele ensaio de liberdade com direito à refeição:

- Eu comecei a comer comida todos os dias, temperadinha, gostosa... e comecei a respirar um pouco, só que eu fiquei muito ruim da vesícula. Muito ruim, muito ruim! Meu corpo não aguentou e eu fiquei doente. Aí tive que ser recolhida porque eu não tava conseguindo mais, eu tinha dores muito fortes.

E a decepção bateu à sua porta, afinal, era acordar antes do galo cantar para pegar um ônibus que demorava duas horas para ir e voltar do trabalho, mas a sensação de não estar entre paredões e guaritas era boa demais. E o brilho nos seus olhos até refletiu nos meus quando lembrou de como era um pingo de solda mergulhado no mar de violência que a esperava, todos os dias, quando voltava para o andar de cima de um beliche envolto por cinza de todos os lados, numa cela que dividia com mais, em média, quatorze meninas, as quais muitas dormiam no chão, pelo lugar não suportar a quantidade superlotada, que só tinha estrutura para abrigar oito mulheres.

Por reclamar das dores, Daiane foi levada para o Hospital Psiquiátrico de Juqueri, assentado em Franco da Rocha, na grande São Paulo, depois de sua mãe “dar um show na cadeia” para ela poder ser atendida. Mas o evento com entrada gratuita não foi suficiente, e a vez de se apresentar foi passada ao médico do Hospital, que nem sequer relou na paciente e adivinhou, como um passe de mágica, o problema a ser resolvido nas entranhas doloridas:

- Eu passei por um médico que nem olhou na minha cara e falou que eu tava com gastrite. Nem fez exame, nem nada, e falou que eu tava com gastrite.

E eu com umas dores horrorosas, tudo o que eu comia, eu vomitava. Até que teve uma saidinha que minha mãe marcou um ultrassom abdominal completo pra ver o que tava acontecendo comigo.

Chegou o dia e seu pai foi buscá-la a quase trezentos e cinquenta quilômetros da sua cidade natal para ser atendida por um médico particular, porque a negligência que sofreu foi tamanha, que sua família decidiu arcar com todos os gastos, já que o Estado ignorava a própria responsabilidade e não se importava com a saúde das reclusas (escrevo no passado por se tratar da época, mas os verbos cabem perfeitamente se conjugados no tempo presente, visto que a negligência cometida pelo sistema carcerário feminino permanece):

- Aí eu vim de jejum. Cheguei aqui (em Bauru) quase meio dia, varada de fome. Não sabia nem se eu tava com fome ou se eu tava com dor. Fui correndo pra clínica fazer o exame. Deu que minha vesícula tava quase indo pro saco, estourando. Tinha uma pedra enorme lá dentro e eu comecei a fazer um tratamento que procurei aqui (em Bauru).

Sua mãe mandava, de terças e quintas-feiras, comidas saudáveis – frutas e cereais - porque a cadeia não atendia às necessidades de Daiane; além de também enviar o remédio para que a filha pudesse fazer o tratamento. É que, na verdade, ela tinha que operar, “mas como você vai operar? Não tem como”.



Quilos mais magra por não conseguir se alimentar da forma que deveria, dependia dos envios da mãe para seguir a dieta ideal. E tudo ia bem, aos trancos e barrancos, até que um dia, um celular, que não era seu, caiu de dentro de uma caixa de Sedex. E por alguma lógica que não conseguiu ser racionalizada por ninguém que estava ouvindo o relato na hora da entrevista, o Diretor da Penitenciária Feminina do Butantã decidiu travar todas as entregas do dia:

- Ah, me deu a louca, eu fui falar com o Diretor... Estragar tudo o que minha mãe mandou? Dinheiro não cai do céu! Só que tudo lá no Butantã, eles mandam você pro castigo, que é quando você vai pra um isolamento de trinta dias numa cela fechada, você não sai nem pra tomar Sol... Aí você volta pro regime fechado e pega de seis meses a um ano de sindicância, seu processo fica parado.

E mesmo sabendo do risco, ela foi reivindicar seus direitos: argumentou sobre a consciência que os superiores tinham sobre o problema de saúde pelo qual estava passando. Recebeu em troca uma ameaça esdrachada e sem sentido:

- Ele falou “você vai comigo lá no Sedex e eu vou abrir sua caixa. Se tiver alguma coisa de diferente lá você vai pro castigo”.

Daiane foi na sorte. Ela sabia que a mãe não tinha motivos para mandar nada de diferente das suas previsões, mas frente a uma ameaça de alguém superior, estranho seria se a sua convicção seguisse intacta.

Só que depois que o susto passa, vem a mistura de raiva e inconformismo, e esse conjunto eu pude ver com meus próprios olhos:

- Precisava falar daquele jeito? Eu doente, a bosta da cadeia sem estrutura, minha família mandando tudo. Ele queria que eu tivesse um troço e caísse dura lá na frente dele. No fim, deu tudo certo, mas depois de ele me ameaçar, né?!

Além dos dias de Sedex serem responsáveis por tempos de felicidade dentro daquele ambiente, os dias de visita também eram grandes momentos de alívio que cortavam aquela rotina maçante e contraditória de viver privada à vida. Uma vez por mês, somavam-se mãe e pai para visitarem a primogênita de sua prole, formada por duas mulheres. E Daiane sempre gostou das visitas, mesmo falando com sua mãe quase todos os dias pelo celular.

Ironicamente, foi num dia com visitas em sua casa, na cidade de Bauru, que ela foi presa. Era horário de almoço do dia 12 de fevereiro de 2009, quando os cinco amigos, que trabalhavam na fabricação e distribuição de drogas em Bauru, foram almoçar na casa de Daiane. E a ideia era apenas o almoço, de fato. Só que seria melhor se a comida tivesse ficado pronta antes de os agentes da DISE – Delegacia de Investigações Sobre Entorpecentes - invadirem o apartamento em que eles estavam reunidos. A partir daí, aquele já não seria mais nem um almoço, nem um dia qualquer:

- Eles invadiram minha casa, deram tiro no meu cachorro, derrubaram minha casa inteira no chão, como eles fazem, né?! É sempre assim.

Mas não encontraram nenhum indício de provas concretas lá, até que, no meio de toda a confusão, acharam a chave do apartamento em que o grupo guardava a mercadoria e que ficava sob posse da garota: cento e oitenta quilos de maconha, trinta quilos de cocaína e quase cinquenta de crack, foi esse o resultado de uma busca que lhes rendeu dez anos e oito meses de prisão, acusados de tráfico e associação ao tráfico. Menos para o, considerado, chefe da organização, que foi sentenciado a trinta e quatro anos.

E ela seguiu me contando suas peripécias de vida. Confesso que os fatos relatados não saíram da geometria traçada pelos meus estudos sobre o porquê de muitas mulheres se envolverem com o crime: Daiane começou a andar com gente mais influente no meio do tráfico por causa do ex-marido. E não que ele tenha lhe apresentado àquelas pessoas. O que ele apresentou foi o crime, as pessoas ela mesma quem conheceu, na tentativa de se mostrar mais forte do que as ameaças que o homem a fazia depois que eles se separaram. E ela conseguiu. Além de que, morava sozinha e precisava da renda para conseguir se bancar.

Saiu nova de casa, se casou às pressas, num ímpeto de amor juvenil:

- Casei com uns dezenove... Eu conheci ele tinha uns dezoito, dezenove anos.

- E você ficou casada muito tempo?

- Ai, não fiquei muito não. Foi tudo tão rápido, mas você acredita que eu casei com ele no cartório, menina? Olha que horror!! Tanto é que quando eu peguei liberdade, menina... eu saí na sexta-feira, segunda eu já tava na Defensoria dando entrada na minha separação, porque foi a maior burrada da minha vida, esse cara ferrou comigo. Ele que me apresentou tudo, foi assim que me envolvi.

Quando o casal se separou, o homem não aceitava o término e a única forma que ele achou para se vingar foi com a violência. Mas o plano não rendeu:

- Eu quis ser mais forte que ele pra ele me respeitar, pra ele parar e não encher mais meu saco. E foi o que aconteceu! Antes ele não tava nem aí, mas

depois viu as pessoas que eu tava andando e começou a ter medo, percebeu que não era mais brincadeira.

Nessa hora, Guilherme, seu primeiro e único filho, apareceu pulando e brincando com todos os carrinhos e caminhões que estavam pela garagem. Pegou toda a atenção da mãe para si, que o colocou em seus braços para amamentá-lo. O garoto dormiu naquele aconchego e Daiane foi colocá-lo na cama “porque senão ele não larga mais a teta”.

Voltou sem saber onde tínhamos parado e, já que ninguém precisava que os ponteiros dos relógios corressem mais rápido, começamos um outro assunto, também palco de mais violência psicológica e abuso de poder:

- E como é lá em Sant’Ana? Quando vocês saiam pro convívio, ficavam todas juntas?

- Não, cada pavilhão é cada pavilhão. Ao todo são três, com duas alas cada um. Pensa num corredor comprido, aí tem o lado ímpar e o lado par, com quinhentas presas de cada lado, e no meio tem a gaiola, que é onde fica a polícia.

- E vocês usavam roupa normal?

- Lá dentro é só uniforme, é horroroso. Lá em Sant’Ana, era calça marrom e camiseta e, no Butantã, era calça cinza igual farda de polícia, credo. E podia usar *baby look*, mas não podia mostrar a barriga, nada; tinha que ser mais compridinho. E tênis e chinelo, só tênis e chinelo.

E foi assim que Daiane começou a me contar sobre a perda de vaidade que existe dentro da cadeia. As garotas até apertavam um pouco a calça, encurtavam a blusa, mas se a polícia visse, era castigo na certa. A padronização era item crucial, então elas tinham que se apegar a outros modos de libertarem suas vaidades:

- A gente não ficava vaidosa com roupa porque não tem o que fazer, ou você tá de pijama, ou tá de uniforme. Mas a gente cuidava do cabelo, a gente passava maquiagem... presa adora se maquiar. Pode ter as coisas de maquiagem e de fazer unha lá dentro, mas não é tudo que entra. Por exemplo, não entra acetona, é óleo de banana, essas coisas... Mas a gente sempre dá um jeito porque não tem como ser privada da vaidade, né?



- E como eram as celas que você ficou?

- Lá em Sant'Ana, eram duas pedras de concreto por cela, e aí a gente tinha TV quando as polícias tivesse de bom humor e não proibissem você de assistir; às vezes elas falavam pra gente por tudo no corredor, porque elas não queriam que a gente assistisse nada. Aí eu também tinha um radinho que tocava música internacional romântica e eu me afogava no choro, olhando meu painel de fotos, todo encapadinho com sulfite colorida, e eu tinha um micro-ondas. Eu tinha um micro-ondas!!! Você sabe como é micro-ondas de cadeia?? A gente pega uma caixa de papelão não muito grande, encapa com bastante alumínio que vem nas marmitas, coloca uma lâmpada lá dentro e pronto, vira um micro-ondas!

Nessa hora, eu fiquei feliz por saber que, pelo menos, Daiane não precisava comer comida fria todos os dias, apesar de ficar receosa por aquela invenção lhe trazer perigo.

Mas a garota é esperta, contou que sempre conseguia arrumar mais de um colchão para não parecer que estava dormindo em pedra. O plano era costurar um no outro e pronto, a cama tinha se tornado um pouco decente. Mas só até a próxima *blitz*, porque “as agentes não queriam nem saber, elas rasgavam tudo os colchões pra ver se não tinha nada dentro e pegavam de volta os que tavam a mais”:

- Mas isso de esconder coisa no colchão é mania de preso antigo que não tinha muita criatividade. É muito óbvio!! Hoje elas fazem isso por ruindade mesmo. Aí a gente tinha que contar até um milhão quinhentos e cinquenta e nove e se acalmar. 

Já na Penitenciária Feminina do Butantã não podia ter nenhum objeto que transmitisse vida ao ambiente. No máximo, duas fotos no pé de cada beliche. De quem tinha beliche.

O perigo lá não eram os aparelhos improvisados, mas sim o momento da contagem, porque “a policial chegava, acendia a luz na cara, jogava a lanterna na cara de todo mundo, pisavam até em alguma cabeça, se tivesse alguma cabeça moscando”. Ainda quando era em Sant'Ana, as presas podiam “jogar o

travesseiro na boqueta da porta”, mas em Butantã não, senão elas iam direto para o castigo. A regra era abaixar a cabeça e seguir em frente, “pois não, senhora; obrigada, por favor”. E Daiane continuava contando:

- Não podia colocar nada no quarto, elas não deixavam. Se a gente dava um jeito e fazia alguma coisinha, elas já falavam “reeducanda, pode tirar isso agora”. Aí você tinha vontade de tacar na cara dela.

E eu não consegui deixar de esbanjar espanto na hora em que Daiane verbalizou o termo “reeducanda”. Qual é essa reeducação por parte de uma nação que não proporciona quase nenhum tipo de estrutura básica para pessoas sobreviverem, ainda frente a uma violência psicológica desumana? Qual é o tipo de reeducação social que o governo quer disponibilizar para essas pessoas? E será que ele quer mesmo? Mas a conversa seguiu, guardei meus pensamentos para debruçá-los sobre essas páginas. Não acredito que aquela mulher quisesse ouvir, mais uma vez, que seus direitos como pessoa nessa suposta reeducação foram muito violados:

- E como se faz a higiene pessoal lá?

- Quando você chega, eles te dão um *kitzinho* com um sabonete, uma pasta de dente e um pacote de absorvente, tudo da pior qualidade. Só! É a primeira e a última vez que você vai receber isso. Depois a família tem que mandar, você se vira... 

E bom seria se, mesmo na hora da higiene, que já é um hábito dificultado para se ter nessas condições, as mulheres fossem respeitadas:

- Teve uma vez que eu tava tomando banho e a polícia meteu o pé na porta. Ela atrasou vinte minutos pra contagem e eu esperei, mas deu sete e vinte da manhã e eu não podia mais esperar, porque senão não ia dar tempo de comer pra ir trabalhar. Aí eu tinha entrado no banho, ela entrou na cela. Ela meteu o pé na porta, fez eu me enrolar na toalha e ir pra cela. Eu tava tomando banho! E você não pode falar nada, tem que falar “tá bom, senhora”.

- E você saiu ensaboada?

- Saí ensaboada! É muita humilhação, cara.

E falando em humilhação, Daiane não poupou em histórias sobre o assunto. Novamente a tristeza tomou seus olhos quando se lembrou da vez em que foi para o Fórum responder um B.O. sobre uma passagem antiga, em que tinha sido apreendida em Assis com cinco gramas de maconha. Daiane teve que *pegar bonde* para ir até a Barra Funda, responder a solicitação pela qual foi chamada:

- Pensa num cara carregando boi num caminhão, meu... eles não têm um pingo de respeito. Você lá algemada dentro daquela latona de ferro quente, aí ele ia correndo e brecando, correndo e brecando, e a gente quase caindo.

E esse foi só o começo de um péssimo dia. Chegaram no Fórum da Barra Funda por volta das sete horas da manhã. Daiane recebeu pão com manteiga e nunca mais se deparou com nenhuma comida para preencher seu estômago vazio. Subiu para a audiência às duas da tarde e foi perguntada se “tava passeando no shopping, só porque não tava com a cabeça levantada”. 

Terminado o compromisso, voltaram para o *bonde*:

- E o motorista não me começou a andar com o *bonde* e nois teve que sair correndo atrás? Todo mundo correndo algemada atrás do *bonde*. E ele ainda falava “vamo, suas vaca, vamo, vamo! A gente correndo atrás do bonde, cara... Aí na hora que todo mundo conseguiu subir, ele começou a andar e brecar de novo. Foi muita humilhação!

A garota voltou para Sant’Ana chorando, aos prantos, e foi direto para sua cela:

- Eu falei “Senhor, eu não quero ir pra mais nenhuma audiência, não me põe em mais nenhuma audiência”, de tão humilhada que eu cheguei. Eu não tava fazendo nada, eu não devo nada pra eles. Eu devo pra Justiça, pra eles eu não devo nada. Nem um preso deve nada pra funcionário. Eles tão trabalhando e a gente tá pagando o que a gente deve.

E maior foi minha indignação quando Daiane contou sobre o abuso de autoridade que o Diretor da Penitenciária Feminina do Butantã cometeu contra as reclusas. “Um belo dia” (para as presas que não foi), ele decidiu que elas iam almoçar no refeitório, o que não era regra dentro do lugar. Geralmente, a rotina

era voltar do trabalho, passar no refeitório, pegar a comida e subir para a cela, porque, na verdade, o problema não era a convivência entre as presas, mas sim, as condições de higiene do refeitório:

- Lá tinha muito pombo. E como você vai entrar num refeitório que tá cheio de pombo, pra comer? Eu não gostava de comer no refeitório... não sou obrigada, mas pra eles eu sou. Um dia, o diretor encanou que a gente ia comer no refeitório e não deixou ninguém subir. Ele trancou a gente, obrigou a gente a comer lá com as pombas cagando, voando... Falou “horário de almoço é no refeitório”.

E aquele dia não teve descanso para Daiane pós-almoço, antes de voltar para o trabalho. Ela teve que ficar “naquele pátio, com aquele Sol rachando na cabeça”. Isso porque a chamada dieta, que é a comida servida, se repetia tantas vezes que qualquer nutricionista ficaria doente só de olhar para o cardápio da cadeia. Era “salsicha no almoço e na janta; linguiça, salsicha, linguiça, salsicha, e o café das cinco da tarde era o resto do leite e do café que tinham sobrado de manhã”:

- Meu, isso não é vida!

E não era mesmo.

Uma pausa se fez necessária, porque a vida que brotava do choro de Guilherme foi um grande motivo para a mãe se ausentar por mais uns instantes e atender ao filho de pouco mais de dois anos.

O dia já tinha se transformado em noite e os ânimos estavam desgastados por mais de quatro horas de conversa sobre situações não agradáveis de se lembrar. Entendemos que aquela foi a deixa para o final da entrevista. Não que Daiane não tivesse mais situações para denunciar, mas ela também precisava descansar porque, “graças a Deus”, estava conseguindo seguir a vida.

Hoje, depois de mais de oito anos, ela vive em regime aberto e mora com sua família. É mãe e cheia de enteados, casou-se, não de papel passado, “mas como se fosse”, com Denis, apesar de viver com restrições:

- Eu assino de três em três meses um documento pra eu dar as caras, eu não posso ficar a mais de dez da noite na rua. Não posso ser pega em bar,

bebendo, essas coisas. Eu tenho que viver do jeito que eu vivo: aqui, de boa. Só que eu sempre quis trabalhar.

E depois que Guilherme veio ao mundo e já estava com uma idade suficiente para a recém-nascida mãe, de trinta e dois anos, conseguir realizar esse desejo, dito e feito, ela fez. Mas não foi fácil! Por causa da primeira passagem na polícia, quando foi pega em Assis, seus documentos estão bloqueados até 2019:

- Eu arrumei um serviço... fiz a entrevista, passei em todos os testes, aí fui tirar meu atestado de antecedente criminal. Eu não conseguia tirar por causa desse B.O. em Assis, que eu já tinha sido absolvida, mas eles queriam uma carta lá. Mas aí deu certo porque minha irmã que me indicou nesse serviço.

Hoje em dia, a garota trabalha com cobrança, é recuperadora de crédito, mas antes de toda a situação ter o desfecho ideal, a garota passou por maus bocados: assim que teve seu filho, por volta de um ano depois que tinha saído do regime semiaberto no Butantã, um Oficial de Justiça apareceu em sua porta com uma carta que reivindicava que Daiane pagasse uma multa de vinte e cinco mil reais, senão ela perderia todo o benefício que lhe proporcionou estar em regime aberto:

- Você pensa que o meu leite secou, eu não parava de chorar, eu quase desmaiei porque eu falava "eu vou roubar pra pagar vinte e cinco mil reais porque eu não tenho. Eu acabei de sair da cadeia, eu tô com filho pequeno. O que eu vou fazer da minha vida? Eu vou fugir com meu filho daqui. O que eu vou fazer?". Você tem que ter muito pulso firme pra não voltar pro crime, não dá pra fraquejar, porque senão já era, você tá dentro de novo.

O desespero tomou conta da sua vida por tempos. Ela procurou a Defensoria Pública, mas os advogados falaram que não poderiam fazer nada pelo seu caso. Tentaram resolver o problema parcelando a dívida em mil reais por mês, porque aquela era a incumbência de Daiane para com a Justiça, mas esse gasto não estava e nem teria como estar nos planos de um orçamento mensal.

“Muitas águas rolaram” até que Daiane conseguisse, através de um grande esforço que não foi, de nenhuma forma, facilitado pela Justiça, descobrir que a situação “não era bem assim”. O pagamento está sendo ter seus documentos bloqueados até 2019:

- Sorte que eu consegui arranjar esse emprego porque eu tenho meus documentos antigos, mas se eu perder meu RG hoje, eu não consigo tirar outro, porque não paguei essa multa. Eles falam que a gente tem que trabalhar depois que sair da cadeia, mas como, se eu não posso tirar documento?

- Tudo pra você voltar pra lá.

- É! Porque aí eles me pegam numa *blitz* e não me soltam nunca mais. Capaz de até depois de 2019, que eu terminar de pagar minha pena, eles arrumarem alguma coisa pra eu ter que fazer pra eles. Como eles falam pra mim que eu vou sair da cadeia e vou ter que pagar vinte e cinco mil reais? Eles quase não dão a oportunidade de você se reerguer lá dentro e, quando você sai, querem te ferrar de todas as formas.

CADÊ MEU DIREITO QUE ESTAVA AQUI?

Os artigos elencados nesse índice foram retirados da Lei de Execução Penal, nº7210, de 11 de julho de 1984, e as regras são da Resolução nº 2010/16, de 22 de julho de 2010, estabelecida pelas Nações Unidas sobre o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras.

Capítulo 3

Página 34

15) Art. 12 - A assistência material ao preso e ao internado consistirá no fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas.

Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 88, a – São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

Página 35

16) Art. 41, I - Constituem-se direitos do preso: alimentação suficiente e vestuário.

Art. 199 – O emprego de algemas será disciplinado por decreto federal.
*(O decreto federal sobre algemas inexistiu por 32 anos, sendo criado, apenas, em 2016).

Regra 4 – Mulheres presas deverão permanecer, na medida do possível, em prisões próximas ao seu meio familiar ou local de reabilitação social, considerando suas responsabilidades como fonte de cuidado, assim como sua preferência pessoal e a disponibilidade de programas e serviços apropriados.

Página 36

17) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 199 – O emprego de algemas será disciplinado por decreto federal.
*(O decreto federal sobre algemas inexistiu por 32 anos, sendo criado, apenas, em 2016).

Regra 33 – Todo funcionário/a designado para trabalhar com mulheres presas deverá receber treinamento sobre as necessidades específicas das mulheres e os direitos humanos das presas.

Página 38

18) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 85 - O estabelecimento penal deverá ter lotação compatível com a sua estrutura e finalidade.

Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

Página 39

19) Art. 11, II - A assistência será: material.

Art. 41, VII - Constituem-se direitos do preso: assistência matéria, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

Página 44

20) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 41, VII – Constituem-se direitos do preso: assistência matéria, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

Página 45

21) Art. 11, I e II - A assistência será: material e à saúde.

Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 41, VII - Constituem-se direitos do preso: assistência matéria, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

Regra 5 - A acomodação de mulheres presas deverá conter instalações e materiais exigidos para satisfazer as necessidades de higiene específicas das mulheres, incluindo absorventes higiênicos gratuitos e um suprimento regular de água disponível para cuidados pessoais das mulheres e crianças, em particular mulheres que realizam tarefas na cozinha e mulheres gestantes, lactantes ou durante o período da menstruação.

Página 46

22) Art. 41, I - Constituem-se direitos do preso: alimentação suficiente e vestuário.



ILUSTRAÇÃO: REBECA MANTOVANELI

4

O ônibus estacionou no Terminal Rodoviário do Tietê eram sete e meia da manhã e, confesso, eu ainda estava um pouco sonolenta. Meus passos iam em ritmo contrário ao fluxo natural daquela “cidade que nunca dorme”.

A todo momento eu imaginava frases para serem colocadas aqui, mas peço desculpa, elas não ocupam mais os espaços na minha mente. E não que não fossem boas... é que aquele dia me trouxe tantas lembranças que as percepções do metrô se colocam, agora, intransponíveis. E talvez eu demorasse alguns parágrafos para engatar a narrativa que realmente importa.

Aquela cidade me traz recordações. Eu poderia escrever por horas, anotar frases soltas e afins no bloco de notas do meu celular, mas o aparelho eu não tirei do bolso. As pessoas corriam e fui vencida pela coordenação dos movimentos. Segui aquele passa-passa a passos largos.

Na verdade, olhei para o celular por volta das nove e meia da manhã. O GPS me indicou o caminho que me levaria até o meu destino principal: a casa de Rosana.

O apartamento era no segundo andar e a paisagem me agradava muito. A claridade entrava, sem nenhum esforço, pelas grandes janelas que davam vista para uma movimentada avenida.

Os vasos e os belos móveis mostravam que a dona de toda aquela decoração era cuidadosa e sensível. E minha percepção acertou em cheio quando

a conversa começou. Nas primeiras palavras, as lágrimas já escorriam pelos olhos da minha entrevistada.

Sua filha, Ana Júlia, foi presa grávida de três meses, enquanto estava assaltando. O motivo da abordagem era para comprar crack e, mesmo ela não estando armada, fingiu portar um revólver, “então era como se estivesse”. E foi detida:

- Na hora que ela tava sendo presa, eu tava sentada na cama dela, olhando pra Deus, pedindo uma solução. No exato momento em que ela tava sendo presa. Eu estava num momento de muito desespero, porque ela tinha sumido fazia muitos dias. A gente procurou ela pela cidade inteira... Meu cunhado subiu o morro pra saber na boca de droga e ela estava sendo presa nesse minuto.

A cidade em questão é Santos. Rosana foi embora de São Paulo em direção ao município portuário para ver se a filha “acordava” e pedia ajuda, e foi o que aconteceu por um momento. A mãe começou a participar da reunião dos Narcóticos Anônimos, porque “tem uma parte que cuida da família” e ela não estava sabendo lidar com a situação em que foi posta.

Montou uma loja de vasos e plantas a uma quadra de sua casa, mas Rosana percebeu que a proximidade não fez com que a filha, realmente, acordasse. Ana Júlia voltou para as drogas e foi presa perto de um posto policial.

Por mais de um ano a garota fez falta em casa e foi no sexto mês de ausência que seu segundo filho, João, deu às caras a esse mundo:

- Quando começaram as contrações pra ter o bebê, não levaram ela pro hospital, só levaram no último minuto, só no último minuto mesmo. Deixaram ela sofrer muito.

- E vocês foram no hospital ver ela?

- Eu fui, mas não consegui ver. Eu só fui para saber, fiquei lá esperando até o bebê nascer. O duro foi quando ele foi pra casa, ele mamava no peito. Pedi pra ela tirar um pouco, aos poucos, pra ele não sentir tanto, mas ela não tirou, acho que não conseguiu, sabe?

Entendi, afinal, como seria possível que o leite da garota não secasse com sua criança retirada do seu colo aos cinco meses? Durante o período em que Ana Júlia esteve com o filho, ficou em um presídio especial para mães e lá trabalhou durante o tempo que passou. A garota gostava muito de cozinhar, então seguiu seu talento e deram um lugar na cozinha para ela se ocupar, apesar de não receber nenhum salário, porque “têm algumas regras, depois de algum tempo que começa a trabalhar que recebe”.

Rosana desconhecia as regras, mas reconhecia muito bem o amor de Ana Júlia pelo seu bebê. Minha entrevistada contou ter sido um desespero quando João chegou em sua casa, porque ele “só chorava, chorava e não queria mamadeira”, mas a avó tem certeza de que foi bem-criado enquanto esteve na penitenciária:

- Chorava eu, chorava ele, chorava minha mãe, chorava todo mundo, mas ele veio lindo pra cá, era a coisa mais linda. Acho que lá era mais tranquilo, a Ana Júlia não reclamava de nada.

Rosana não sabe se o motivo de tanto silêncio era para poupar a mãe, ou se onde sua filha estava, tudo corria dentro da linha, situação diferente da maioria dos presídios.

As visitas eram importantes para as duas, mas o sentimento que envolvia o que a família estava passando era complexo demais para Rosana conseguir me explicar. No lugar de palavras, vinham lágrimas. Aqueles não tinham sido dias fáceis.

Apesar de a avó levar comidas, fraldas para o bebê e utensílios necessários do dia a dia, como artigos de higiene pessoal, Ana Júlia pedia tudo da pior qualidade para não mostrar que a família tinha condições. E a mãe sofria com a situação, mas não tinha o que fazer:

23

- Se minha filha mostrasse que tinha um pouco de dinheiro, as mulheres caíam em cima.

E não tinha o que fazer também para mudar a realidade da revista vexatória. Quando perguntei sobre o procedimento, a resposta me foi inesperada, mas na lógica em que estava posta, fazia sentido para o pensamento

de Rosana... se parecia com uma culpa tão pesada nos ombros, que o corpo todo aguentava o abuso:

- Eu acho necessário. Você vê algumas coisas, você sabe que por ali entra muita coisa. Mas me trataram com super respeito, sabe? Não sei se é com todo mundo assim, e você se sente tão constrangida... Eu estava ali porque minha filha realmente tinha cometido um crime, então você se sente meio envergonhada, meio vendo essa situação de fazer o que eles querem, porque na verdade, o erro foi nosso. 

Rosana não critica a violação de direitos ao seu corpo, não critica a revista. É que com ela foi “tudo muito rápido” e a sensação de dívida social lhe trazia conformismo. Além de que a avó não tinha muito tempo para questionar as submissões, as quais era colocada. Apesar de ser por apenas dois meses, dentro de casa cuidava das crianças em tempo integral:

- O Júlio tinha cinco aninhos, ficou mais de um ano sem a mãe e a gente enrolando, enrolando, enrolando, aí chegou uma hora que a terapeuta falou que era melhor já introduzir o assunto com ele pra ele entender... pra ele não pensar que tinha sido abandonado porque ela quis. Ele fazia terapia, faz até hoje, porque ele sentia, né?! 

O garoto foi levado para ver a mãe uma única vez. Rosana entendeu que a ausência de Ana Júlia na vida dele estava fazendo mais mal do que levá-lo para vê-la naquele ambiente. Mas a visita apenas se concretizou depois de sanar a preocupação sobre as condições do lugar, porque “era tolerável”. A avó esbanja cuidado e preocupação com todos a sua volta e até me ofereceu a casa para descansar enquanto não chegava o meu próximo compromisso do dia.

Nessa hora, Diego entrou na sala para tomar café da manhã com a esposa e a filha, outra neta a quem Rosana doa um lindo carinho.

- Esse menino segurou bem a onda comigo. Na época, ele morava comigo.

Aproveitei para perguntar sobre as visitas do irmão à Ana Júlia e a percepção que ele tinha sobre aqueles momentos. E, na realidade, visitas não foram muitas. Diego esteve presente apenas uma vez, mas não entrou. O que

ele fazia era ir nos dias em que não era permitida entrada externa, mas que podia levar encomenda para as presas:

- Eu lembro que quando eu ia levar as coisas pra minha irmã, em Santos ainda, quando ela tava esperando julgamento, que depois veio pra cadeia que só eram mães... eu lembro que tinha o dia de levar as coisas e o dia que era pra visita. E quem ia levar as coisas era só mulher, não tinha nenhum homem.

E Rosana também discorreu sobre o que concluiu:

- Eu acho que é mais difícil a família perdoar a mulher quando tem filho envolvido, sabe? Quando tem uma presa que tem filhos e cai no crime, não pensa nos filhos. Eu acho que a família fica mais revoltada, sabe?

E a avó tinha razão. O papel que uma mãe desempenha na sociedade em que vivemos é muito mais vinculado a deveres do que o papel do pai. Mãe deve estar presente em tempo integral, atender a todos os estereótipos de maternidade e benevolência. E o pai? A hipocrisia social acredita que o pai tem que ajudar... Mas tudo bem também se não der muito, de toda forma tem a mãe.

E mesmo com toda a carga de julgamentos próprios e alheios sobre as atitudes da filha, Rosana os atravessou e suas lágrimas vieram ao encontro da nossa conversa uma última vez:

- Você está lá e não dá pra lutar contra numa hora dessa, com uma filha lá dentro. Você vai botar a cara no mundo? Não vai, você só colhe, acata. [...] Eu tava conversando com a minha mãe ontem ou antes de ontem e fica uma marca pra sempre, nada apaga, é muito duro. Você vai tomar um banho e você lembra “nossa, será que tá tomando banho?”, “será que tem água?”. Você senta pra comer, você pensa “o que será que tá comendo?”. É terrível, é terrível.



CADÊ MEU DIREITO QUE ESTAVA AQUI?

Os artigos elencados nesse índice foram retirados da Lei de Execução Penal, nº7210, de 11 de julho de 1984, e as regras são da Resolução nº 2010/16, de 22 de julho de 2010, estabelecida pelas Nações Unidas sobre o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras.

Capítulo 4

Página 55

23) Regra 5 - A acomodação de mulheres presas deverá conter instalações e materiais exigidos para satisfazer as necessidades de higiene específicas das mulheres, incluindo absorventes higiênicos gratuitos e um suprimento regular de água disponível para cuidados pessoais das mulheres e crianças, em particular mulheres que realizam tarefas na cozinha e mulheres gestantes, lactantes ou durante o período da menstruação.

Página 56

24) Lei 15.552 – art. 1 (estadual): Ficam os estabelecimentos prisionais proibidos de realizar revista íntima nos visitantes.

25) Regra 64 - Penas não privativas de liberdade para as mulheres gestantes e mulheres com filhos/as dependentes serão preferidas sempre que for possível e apropriado, sendo a pena de prisão considerada apenas quando o crime for grave ou violento ou a mulher representar ameaça contínua, sempre velando pelo melhor interesse do/a filho ou filhos/as e assegurando as diligências adequadas para seu cuidado.



ILUSTRAÇÃO: ANNA SATIE

5

A Tati é daquelas mulheres que têm a casa cheia. É só fazer um barulho na porta para dar um *salve*⁹ e chegar. Sem choro nem vela, sem cerimônia. Já na entrada, o grave do *beat*¹⁰ e a cadência das rimas combativas a uma sociedade conservadora, capitalista, machista, racista e que dissemina preconceitos, estereótipos e padrões aos quatro ventos chama a atenção: ela gosta, ela ouve, ela procura sobre. Yasmin, sua única filha, é *MC*¹¹ e tem um grupo de *Rap* com mais duas meninas. Estão conquistando espaço na cena do *Hip Hop* de Bauru e região. Qual a idade da garota? Dezesesseis anos!

A sala tem três sofás, fora a mesa da cozinha, no cômodo ao lado, e os improvisos que são possíveis de arranjar se ainda restarem pessoas que não estão menos do que totalmente à vontade. Todo mundo senta, todo mundo é bem recebido. A imagem mais atraente que contempla a vista quando se coloca o primeiro pé dentro da casa é um grafite grande, acima do sofá de três lugares, que imprime na parede, com letras garrafais, a frase: “A prisão da alma é a mente fechada. Liberte-se”. Entendi, no primeiro olhar, qual é o pensamento que guia a rotina das pessoas que vivem lá.

⁹ Gíria popular de cumprimento ao se chegar em algum lugar.

¹⁰ *Beat* significa batida, em inglês, e é conhecido por marcar o ritmo das músicas no movimento *Hip Hop* e no *Rap*.

¹¹ *MC* vem do termo Mestre de Cerimônia que, no movimento *Hip Hop*, é a pessoa responsável por se apresentar de forma artística e/ou levantar o público.

Eu e mais dois amigos, meus acompanhantes e que conhecem e admiram a Tati, chegamos com duas horas de atraso e estacionamos em frente ao portão “no fim do muro branco” por volta das nove e meia da noite. Não que isso importasse para a nossa anfitriã:

- Eu tinha esquecido que você vinha, Flavinha! Entra, entra, é só chegar. Não repara não que a gente tá arrumando as coisas pra Festa Junina do 22, tem um pessoal aqui.

E tinha mesmo! Tinha um pessoal e também tinha um grande varal de bandeirinhas, que parecia a decoração natural do ambiente. Até o imprevisto é bem-vindo e aconchegado naquele espaço.

Colamos a decoração da Festa Junina do 22 por quase duas horas. Preenchemos dois varais enormes, pilhas e pilhas de bandeirinhas. Conhecemos pessoas, conversamos, ouvimos música; e tudo isso regado a um clima delicioso de festa junina: os grãos de milho para o alto, pipocas não paravam de estourar!

As visitas começaram a ir embora. Sentamos no sofá para conversar, já passava das onze e quinze, pelas minhas contas. E isso também não incomodava a mulher de gargalhada gostosa e língua afiada.

O silêncio que se pôs naquela sala à meia luz me fez começar a refletir que eu estava prestes a entrar em um universo que escurece quando as visitas vão embora.

A sorte da Tati é que ela presenciou apenas um dia desses dentro da cadeia em que ficou (em Taboão da Serra, na grande São Paulo, onde tinha a penitenciária mais perto de Santo André, cidade em que ela nasceu e morava) porque sua estada naquele lugar durou dezessete longos dias, contados nos dedos (quatro na inclusão e treze no convívio com as outras presas). E nesse único dia de visita que a garota compareceu, a avó não foi visitá-la por opção de Tati mesmo: “Eu disse que não era pra ela vir na visita, porque eu não queria que ela passasse pela humilhação da revista”.

Mas aquela senhora, que foi a única pessoa que a ajudou na época, se movimentou para levar, em outro momento que não o de visita, alguns objetos

de higiene pessoal, como papel higiênico e escova de dente, além de alimentação, porque na Cadeia de Taboão da Serra, Tati não recebeu nada do que precisava para, pelo menos, cumprir suas necessidades básicas:

- O Estado não te dá nada. Ele te joga numa caixa suja, como se você fosse um bicho que não precisa de nada. Chega alimentação, umas coisas... mas essa estrutura básica como papel higiênico, não se tem. Se sua família não te levar ou se você não tiver uma forma de arranjar dinheiro, você não vai ter.



Presa em 2006, foi enquadrada nos artigos 157 (assalto à mão armada), 288 (formação de quadrilha), 155 (furto) e também no 180 (receptação) e no 14 (porte ilegal de arma de fogo), mas conseguiu quebrar quase todas as acusações, porque era sua primeira passagem e, na época, tinha residência fixa e registro em carteira assinada: trabalhava como caixa de supermercado.

Só que para a sociedade em que Tati vive que, por sinal, é a mesma que Ana Júlia, uma mulher e, principalmente, uma mãe, quando se desvia do caminho já predestinado - cuidar da casa, do marido e dos filhos -, choca e decepciona. E com a sua família não foi diferente. Apesar de ela falar com Yasmin todos os dias por um celular que conseguiu dentro da cadeia, a vó, a tia... todas sabiam que ela era envolvida com “as coisas”, mas foi um desgosto grande quando a situação da prisão se deu por formada.

[Dei um tempo do computador. Tomei leite e comecei a mexer no celular, eis que me deparei com a seguinte frase circulando pelo Facebook: “Natureza feminina é um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na condição de oprimidas”. Coincidência feliz, veio a calhar].

Por ter conseguido se livrar de quase todas as acusações e ter condições de residência e trabalho que a favoreciam, a garota recebeu um benefício da Justiça que se chama Processo de Suspensão, e teve que assinar no Fórum, todos os meses, durante dois anos, um documento que comprovava sua permanência na cidade e seus “bons modos”, segundo os padrões sociais considerados por aqueles que a documentavam. O benefício se assemelha a uma liberdade assistida: na rua, só pode ficar até às dez da noite. Não pode sair da

cidade e nem “cair mais em nenhum B.O.”. Tati também teve que participar de alguns projetos sociais e de reabilitação:

- Até hoje eu tenho minha carteirinha, eu assinava! Se quiser ver, posso te mostrar.

Mas, na verdade, o que a ex-detenta teve nas mãos foi uma escolha: se comprometer a assinar o Processo de Suspensão todo mês ou ficar reclusa e esperar a audiência, que poderia condená-la ou não:

- Hoje, mesmo que você puxa meus antecedentes criminais, não consta nada, porque eu assinei. Era um processo de suspensão e foi suspenso. Eu acabei respondendo só sobre furto mais tarde, mas no meio disso eles tentaram forjar droga e vários outros testes pra me incriminar de todas as formas.

Mãe solteira e com uma filha de cinco anos em casa que estava carente - e com razão - da presença materna todos os dias, Tati não teve dúvidas de qual caminho iria trilhar pelos próximos anos que a aguardavam, e contou a escolha com convicção, deixando bem claro que, caso precisasse, faria de novo o mesmo trajeto:

- Eu sabia que tinha minha vó, que jamais ia deixar minha filha desamparada. Eu sei que eu tenho uma família, mas estar com ela sempre foi minha prioridade, até hoje é. E por poder estar na rua também... Às vezes o policial te pegava fora da cidade, fora do horário e, se ele quisesse, podia te arrastar. Mas aí você oferece uma grana, uns cinquenta reais. Dinheiro, tudo dinheiro, infelizmente, nesse país capitalista.

Tatiana, hoje com trinta e três anos, manicure e pedicure autônoma, foi presa em fevereiro de 2006, na sua cidade de nascença, Santo André, quando caminhava pela rua com um amigo. Eles iam vender algumas peças de um carro que já tinha sido negociado e o que estava com Tati era apenas o som do veículo. É que desse ela nem tinha participado. Ficava responsável, na maior parte das vezes, pela contenção do esquema que tinham montado:

- Eu guardava as coisas dentro da minha casa. Morava sozinha com ela (Yasmin), então eu alugava minha casa pra deixar guardado droga, arma, guardava tudo. E eles sabiam também que eu não usava droga, então eu não ia

usar aquilo, não ia usar nada. A confiança sempre foi colocada dessa forma. Mas sempre tinham umas coisas pra vender, né...

E foi nesse momento que os policiais passaram olhando muito para Tati e para o amigo que a acompanhava na rua. Os dois continuaram andando, até que viraram a esquina seguinte do trajeto e os policiais fecharam o cerco. Cada um correu para um lado e o Estado correu em direção à Tati “porque era muito mais fácil de eles pegarem”. O amigo, de cima de um telhado, olhou para baixo e por pouco não voltou para ajudá-la.

Nessa hora, lembrando a quase rendição do companheiro, a sala se preencheu de risadas sinceras depois de todo o sofrimento superado.

Os policiais a levaram para a casa de sua vó porque, descobriu quando estava no 4º DP – Delegacia de Polícia – de Santo André, que o grupo já estava em investigação. Eles entraram na residência, reviraram tudo, mas não encontraram nenhum indício: todo o dinheiro, a munição e as drogas estavam na casa ao lado, a qual ela alugava, também, para guardar os pertences da quadrilha.

Era por volta das três da tarde e Yasmin estava na escola. A mãe, aliviada, agradece pela menina não ter visto a cena da polícia. Tati foi levada para o 4º DP de Santo André e quando perguntei se eles a “esculacharam” muito, percebi que sempre é possível a situação ser mais violenta:

- Eu levei um pau no 4º DP. Eles batem pra você falar! 

- Eles?

- É! Quem bate em você é homem, é mulher... não tem isso de respeitar gênero. A maioria dos agentes são homens. Na hora da revista sim, e foi aí que eu passei mais veneno. Eu ia tirando a minha roupa e ela (a policial) passava todas as peças pros caras. Ela ia tirar a minha calcinha, eu falei “a senhora vai dar pra ele até minha calcinha?”. Ela disse “cala a boca, senão você vai comer a sua calcinha!”. 

Tati resistiu à pressão e, como os policiais perceberam que ela não ia *caguetar*¹² ninguém, levaram-na para o *corró* – lugar pequeno, sem janela, sem ventilação e todo sujo – e depois “desceu” para Taboão. 

Era carnaval, “época de verão que chove, sabe?”. Eu sabia e achei que, até aí, fosse apenas uma época de verão que chovia. Mas dentro de uma cadeia, não é só época de verão que chove. Os canos começaram a entupir e um rio se formou no pátio, atingiu as primeiras construções.

As mulheres viram suas celas alagarem e chamaram os agentes. Quem dera fosse fácil assim... Ninguém apareceu! As caras dos funcionários continuaram fugidas da chuva, enquanto as presas se organizaram para desentupir o ralo, senão elas iam “ficar com a água lá dentro se continuasse chovendo”. Então tiveram que usar da criatividade e, permitam-me inserir uma fala da Daiane para enriquecer esta narrativa, quando ela diz que “presa é muito criativa, bem! Nossa, e como”: cabo de vassoura no ralo, rio de sujeira e chuva, mas a missão foi concluída e a água parou de invadir as primeiras celas que se localizavam no pátio. 

- A vida no crime é fácil. Você sabe que pode dar merda e te pegarem, mas é muito rápido e fácil começar uma coisa dessa forma do que se eu fosse procurar um trabalho. Na verdade, foi mais essa questão financeira mesmo: precisar de dinheiro, querer dinheiro, de ter a facilidade de um dinheiro mais rápido, ainda mais que eu tinha minha filha muito nova. As pessoas não queriam contratar uma mulher que tinha uma criança pequena – contou, enquanto refletia sobre os motivos que a fizeram entrar e continuar, pelo tempo necessário, no crime.

Até porque Tati criava a filha sozinha. Ela se separou do pai de Yasmin quando estava grávida de seis meses, em 2001. E ele só foi conhecer a criança quando ela já tinha dois anos. Os adultos ficaram pouco tempo juntos: “Ele, sim, foi um relacionamento abusivo. Judiou muito de mim, fez até eu me fechar pra relacionamentos e duvidar da minha sexualidade”.

¹² Denunciar algo ou alguém, no dito popular.

ILUSTRAÇÃO: ELISA ESPÓSITO



O pai, que nem pode ser chamado assim, nunca esteve presente na vida da Tati para ajudar a cuidar da filha:

- Hoje eu penso... minha filha tem dezesseis anos. Se fosse pra eu ver, era pra ela estar recebendo pensão alimentícia até hoje. Se eu quisesse, colocava ele na Justiça, mas eu não vou atrás, nunca fui, por isso que acabei me envolvendo em muitas coisas, por conta disso. Sempre foi uma questão financeira. Eu preferia fazer isso do que ir lá e pedir “ó, sua filha tá precisando de fralda”. Não! Eu vou ali, *meto um B.O.*¹³, roubo dinheiro e vou comprar fralda.

Sorte da Yasmin que, hoje, tem a presença do Macumba na sua vida, a quem pode chamar de pai. Macumba é o fiel, o parceiro, marido e melhor amigo da Tati, e por quem a adolescente “pula na bala” para defender. Ele é o homem que nunca teve vergonha de segurar na mão da mulher que ama, nunca teve vergonha de beijá-la na frente de ninguém, nem de apresentá-la para os amigos:

- Porque a gente, como mulher gorda, tem muito disso... os homens querem a gente dentro de um quarto, dando pra eles em todas as posições possíveis, mas na rua jamais vai falar que ficou com a gente.

E eu poderia discorrer por mais páginas e páginas sobre esse “amor louco” da Tati e do Macumba, eu seria muito feliz por isso. Mas, por motivos infelizes, a vontade que me foge ao peito de denunciar uma sociedade adaptada à lógica machista e um Estado punitivista é, hoje, maior do que escrever uma história bonita de amor, que já dura três anos.

* * *

Seis horas da manhã era a hora que *cantava*¹⁴: as presas levantavam, arrumavam-se e organizavam toda a *praia*¹⁵.

¹³ *Meter um B.O.* significa cometer um crime.

¹⁴ *Cantar* é quando as agentes penitenciárias acordam as detentas.

¹⁵ *Praia* quer dizer “chão da cela”.

Sete horas: de pé e prontas para as atividades diárias. E a primeira delas era a limpeza das celas, feita, todos os dias, pelas moradoras, para tentarem manter o lugar um pouco menos sujo:

- Lavar assim, né... não pensa que era lavado com água e sabão, não. Era jogar uma água, você via aquele caldo preto, você puxava e ele secava lá no chão, aquele caldo preto mesmo. Produto de limpeza que entrava era muito pouco, então você tinha que usar ele pras coisas mais essenciais. De resto, era água e água.

O dia seguia e as mulheres usavam e abusavam da criatividade para não ficarem entediadas, já que o Estado quase não proporciona, até hoje, atividades educativas e de reinserção social para os reclusos em geral e, quando oferece, são poucas vagas, consequentemente não abarcando toda a população carcerária. Então, em terra de se viver o dia a dia, comemorava-se qualquer manifestação de atividade que as tirassem da monotonia. Lá elas jogavam vôlei, dominó, faziam o que aparecia:

- Veio um dominó? Graças a Deus!!! A gente jogava até vôlei lá! Eu falo que em tão pouco tempo, o ser humano se adapta a qualquer ambiente. [...] Às vezes, quando a gente tá lá dentro, a gente até esquece de como é... a mente fica tão limitada.



E como contestar alguém que precisou se adaptar a um xadrez 2x2, depositada quase como lixo, para sobreviver? Mais uma vez e sempre, Tati está certa. A Tati está sempre certa, é o que dizem: “Ouve a Tati, deixa a Tati falar!”. E, particularmente, nos caminhos que já trilhamos juntas nessa vida, nunca vi abobrinhas nenhuma saindo da boca dessa mulher.

Às cinco da tarde, as detentas recolhiam-se às suas residências e passavam pela contagem. Eram novamente trancadas e ficavam depositadas até o Sol raiar mais uma vez. Não entrava mais a luz do Sol, não entrava mais a luz da Lua e quisera o Estado que entrasse mais comida: café da manhã e almoço eram as únicas refeições do dia e que, acredito eu, mais ainda do que antes de começar a escrever esse livro, esses pratos não podem ser chamados de refeições:

- A comida era toda feita lá dentro, então chegava o *bandeco*¹⁶: feijão, arroz e uma carne; às vezes um legume, algo refogado. Mas a gente não comia aquilo. Muitas vezes eu já vi comida chegando lá com bicho dentro. A gente não sabia a procedência daquilo.

32

O processo era refeito, todos os dias, em todas as celas.

Que vida é essa que a comida deve ser preparada mais uma vez, com objetos improvisados, que são menos perigosos do que a alimentação servida no único lugar em que você tem o direito de se alimentar? Pegava-se a carne, lavava-se a carne, retemperava-se, “azeda, muitas vezes”. Fritava-se a carne e, aí sim, comia-se a carne. E tudo preparado dentro das próprias celas, na cozinha improvisada, famosa *barraca*, feita com uma *jega* (que era o concreto na parede, supostamente uma cama), em que ficava uma “resistência de churrasqueira elétrica, sabe? Que lá chamava de perereca”. Sei, infelizmente, sei!

E o medo não era apenas de ingerir comida azeda e passar mal à noite. O buraco era mais embaixo, o temor... mais profundo:

- Também tem toda a questão de você ter medo de eles quererem diminuir a população carcerária e envenenarem a alimentação, colocar caco de vidro. Tem várias histórias de comida... pedaço de Bombril que a menina já achou, coisas assim. Eu vi bigato, né? Comida podre mesmo! Então você sabia que não podia comer ali.

E à noite, as presas comiam algo que tinham dentro das celas. E se tinham.

A perereca também servia para esquentar a água do banho:

- O banheiro era água gelada?

- Era! E eram canos, não tinha nem chuveiro. Era um cano que saía água. Às vezes, tava muito frio e não dava pra tomar banho gelado, aí a gente esquentava a água na perereca.

33

E eu, como mulher, sei que o banho é essencial para a nossa higiene íntima, porque temos uma anatomia genital “mais recolhida” - como dizem

¹⁶ Expressão usada em Taboão da Serra para se referir à comida que era oferecida pelo local.

algumas especialistas. E a falta dele aumenta a possibilidade da proliferação de fungos e de bactérias. Lavar a vagina é importantíssimo para ajudar a manter regulado o PH interno da região, além de prevenir doenças como Candidíase, Vaginose e até mesmo as menos conhecidas, como a Tricomoniase, a Vulvite e a Gardnerella.

Faz anos que tenho a sensação e, hoje, a comprovação de que o Estado não se lembra de um fato importante do ser mulher: presas sangram, em média, uma vez por mês! Para onde vai esse sangue? Como elas se higienizam adequadamente na época da menstruação? Como estancam o fluxo menstrual? Aprisionam-nas e ignoram todas as condições, as quais vivem diariamente:

- A gente preza tanto pela igualdade na luta do feminismo, que eu acho que o único lugar que é colocado no ramo igual é onde não deveria ser, por conta das necessidades de homens e mulheres serem totalmente diferentes.

O Estado se esqueceu que abriga mulheres em Colina e que, no ano de 2013, as detentas tiveram que usar miolos de pães para estacarem seus sangues menstruais, assunto abordado em âmbito, pelo menos, estadual. O Estado se esqueceu das mulheres que dormiam sob suas custódias em Taboão da Serra, em 2006, quando não disponibilizava, ao menos, um *kit* de higiene para quem chegava. O Estado se esqueceu em Ribeirão Preto, em 2016, quando viu uma mulher sofrendo aborto e não fez nada para socorrê-la. E o Estado continua se esquecendo da saúde da mulher todos os dias, quando não disponibiliza absorventes, infraestrutura para exames ginecológicos e Papanicolau, remédios para cólica, banhos em condições que sejam, ao menos, humanas, e papel higiênico; além do descaso das penitenciárias ser também evidente ao não fornecerem escovas de dente, pastas de dente, vaso sanitário adequado e os mais diversos utensílios que eu poderia citar durante páginas, para que as condições dentro desses lugares fossem menos degradantes.

Sem contar nos dias de visita íntima, quando as mulheres se arrumavam, estavam postas e de banho tomado para encontrarem suas companheiras e companheiros. A contradição que se coloca à vista é que a Penitenciária Feminina de Taboão da Serra liberava os dias de visita íntima, mas não

disponibilizava nenhum tipo de estrutura especial para conservar a privacidade dos casais. Será o famoso caso de “só pra falar que tem?”.

Todas em suas respectivas celas, cada uma na sua *jega*, juntas, compartilhando o mesmo ambiente. As imagens de nudez e sexo eram privadas por lençóis:

- Eram placas de concreto na parede, quatro. Aí é lá que eu tirava minha visita íntima quando vinha alguém. Umas têm colchão pra por, outras eram vários cobertores dobrados. 

- Eles também não davam o colchão? – perguntei.

A risada veio de supetão, num gole só:

- Não!! – mas isso já era óbvio, Flávia. E a conversa prosseguiu:

-E era tudo no *queto*¹⁷. Você fechava com um lençol e tinha que ter a consciência que embaixo de você tinha alguém. Na outra ali tinha alguém, depois mais um casal e outro casal. A gente falava que era *queto* porque era tudo no *queto*, em silêncio. Não podia fazer nenhum barulho, isso não existia.

A naturalidade que envolvia as palavras de Tati me surpreendeu, mas ao ouvir violências sofridas por ela durante duas horas, acho que nesse ponto da conversa eu já tinha calejado meus ouvidos: o direito à privacidade é violado e isso soma-se a uma questão importante que abarca o encarceramento feminino, que é o abandono das famílias, principalmente dos maridos de mulheres em situação de prisão e que, segundo a Tati, é muito mais complexo do que apenas o abandono pelo simples fato de se abandonar alguém:

- Até porque já é muito difícil um homem querer ser revistado como uma mulher. Se o meu marido vai preso hoje, eu vou visitar ele, mas falo que a visita íntima já começa na revista, porque eu sou abusada e violentada: tenho que me despir com uma pessoa, tenho que abaixar várias vezes pra pessoa olhar dentro de mim. Sento em um banquinho de detector de metal...

E a explicação de Tati faz sentido. Na sociedade machista em que vivemos, os homens também são afetados de muitas formas, e a exposição de

¹⁷ *Queto* significa silêncio absoluto e é uma forma popular da palavra “quieto”.

seus corpos em situação de vulnerabilidade é uma delas. Masculino é ser forte, é ter controle de si e das situações que envolvem o homem; é ter um leque de opções de mulheres à disposição, “mas o corpo é meu e ninguém mexe”, a não ser que você peça. Então qual é a chance de homens se submeterem a uma revista vexatória? Já as mulheres, por estarem inseridas nessa mesma sociedade em que seus corpos são violados, abusados, desejados, enquadrados em padrões... a revista é, apenas, mais um dia em que elas têm os seus direitos transgredidos:

- Isso sem falar no surto de sífilis que tá tendo hoje em dia. Eu faço um acompanhamento com as meninas na porta do CDP aqui de Bauru... às vezes ajudar em alguma coisa que precisa. E o surto é enorme. Qual o tipo de proteção que você tem pra sentar nesse banquinho de detector, por exemplo? Uma menina levanta nua e vem a outra, também nua, e senta no mesmo banquinho? Coisas absurdas!!

Mas a preocupação de Tati com a higiene das penitenciárias, mais particularmente com a Penitenciária Feminina de Taboão da Serra, não se restringe apenas às salas que, “na época que estava lá, pelo menos”, antecederiam o pátio e as celas. Inclusive, a garota teve que bater de frente com a coceira insuportável da sarna, que a atingiu enquanto estava no convívio da penitenciária. Yasmin também foi acometida por aquelas bolinhas, semelhantes a várias picadas de pernilongo, todas juntas, vermelhinhas. E o diminutivo é só para a descrição visual mesmo, porque a coceira é insuportavelmente aumentativa, segundo a manicure, que nos contava enquanto comia uma coxinha do Ragazzo, que tinha chegado poucos minutos antes.

Isso porque Tati se acomodou por entre placas de cimento, caldos pretos estampando os lugares em que pisava e comidas podres, com bichos, por apenas dezessete dias. E ainda bem que ela não teve que seguir contando.

O inconformismo estampava o rosto da minha entrevistada:

- Eu peguei sarna por conta da sujeira. Saí e nem tinha noção que aquilo era sarna e que se pegava em pessoas. Eu achava que sarna era coisa de cachorro mesmo só, né? Não é! É tudo muito ligado à higiene, realmente.

35

Passados os dias de reclusão, ela foi em um almoço na casa de uma amiga que percebeu na hora o porquê de estar tão inquieta. Recebeu conselhos sobre o que devia fazer para que aquela coceira, impregnada nela e na filha de cinco anos, passasse. Não adiantou, coçava mais. As duas partiram para o Pronto Socorro e aquela experiência ruim só passou com antibiótico. Até porque, mesmo se descobrisse a sarna enquanto ainda estava presa, ela provavelmente não teria recebido o tratamento adequado:

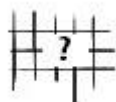
- Dentro da penitenciária você tem enfermaria, mas nem sempre você tem o remédio que você precisa. É tudo uma questão de você também saber dos seus direitos e lutar por eles lá dentro. Mas tem que ser na inteligência de lidar com quem é seu superior dentro da cadeia, é tudo “sim, senhor; não, senhor”; cabeça baixa. Não se ganha no grito, se ganha no silêncio.

Tati falava com convicção, diria até que preenchida por uma raiva um tanto quanto conformada, e talvez nem conformada seja a palavra certa, mas sim, inteligente. Uma raiva ressignificada de forma inteligente, e que move montanhas para continuar transformando os ambientes em que atua:

- Eu não sei de quem surgiu o pensamento de achar que aprisionar uma pessoa ia fazer, realmente, ela refletir sobre um ato criminoso ou algo que ela fez. Só o fato de ter imaginado que aprisionar uma pessoa ia resolver isso já é incabível na minha mente. E você tem um respeito por seus superiores que é medo, né? O respeito é diferente do medo. O respeito que se tem com um agente penitenciário é mais o medo que você tem de ele disparar aquela arma em você e o medo do que ele pode fazer contra você.

E foi exatamente nessa deixa que as coxinhas acabaram e que eu percebi, muito tempo depois da Tati que, por mais horas que ficássemos ali sentadas, nada muda se não fizermos algo de concreto.

Desligamos a música, entramos no carro e Tati apagou a luz da garagem. Realmente, o universo fica escuro quando as visitas vão embora.



CADÊ MEU DIREITO QUE ESTAVA AQUI?

Os artigos elencados nesse índice foram retirados da Lei de Execução Penal, nº7210, de 11 de julho de 1984, e as regras são da Resolução nº 2010/16, de 22 de julho de 2010, estabelecida pelas Nações Unidas sobre o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras.

Capítulo 5

Página 63

26) Art. 11, I e II - A assistência será: material e à saúde.

Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 41, I - Constituem-se direitos do preso: alimentação suficiente e vestuário.

Regra 5 - A acomodação de mulheres presas deverá conter instalações e materiais exigidos para satisfazer as necessidades de higiene específicas das mulheres, incluindo absorventes higiênicos gratuitos e um suprimento regular de água disponível para cuidados pessoais das mulheres e crianças, em particular mulheres que realizam tarefas na cozinha e mulheres gestantes, lactantes ou durante o período da menstruação.

Página 65

27) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

28) Art. 83, § 3º - Os estabelecimentos de que trata o § 2º deste artigo (Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamenta-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade) deverão possuir, exclusivamente, agentes do sexo feminino na segurança de suas dependências internas.

Página 66

29) Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

30) Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

Página 69

31) Regra 42, 1 – Mulheres presas deverão ter acesso a um programa amplo e equilibrado de atividades que considerem as necessidades específicas de gênero.

Página 70

32) Art. 41, I - Constituem-se direitos do preso: alimentação suficiente e vestuário.

Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

33) Art. 11, II - A assistência será: à saúde.

Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Página 72

34) Art. 11, I - A assistência será: material.

Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 41, VII - Constituem-se direitos do preso: assistência matéria, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

Página 74

35) Art. 12 - A assistência material ao preso e ao internado consistirá no fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas.

Art. 88, a - São requisitos básicos da unidade celular: salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana.

